

**Tomo II**

## Índice do Tomo II

Descrição	Origem	Página
Índice do Tomo II		2 e 3
<b>Diálogo n° 1</b>	Dez. 1969	4
• <i>Mensagem ao Caloiro</i>		4
• <i>Noticiário</i>		5
• <i>Colóquio (ACAU)</i>		5
• <i>CC 66</i>		6
• <i>ACAU</i>		7
• <i>Informação Pedagógica (nova publicação da Secção Pedagógica)</i>		7
• <i>Radio Universitária</i>		8 e 9
• <i>Hóquei em Patins</i>		9
• <i>Delegados de Curso</i>		10 a 12
<b>Diálogo n° 2</b>	Jan. 1970	13
• <i>Uma Universidade Nova</i>		13
• <i>Noticiário</i>		14
• <i>Inquérito ao Estudante</i>		14
• <i>Semana de recepção ao calouro</i>		14
• <i>Actividade Cultural – Boletim do TEUM</i>		14
• <i>ACAU Biduc</i>		15
• <i>Eleições na AAM</i>		15
• <i>Centenário de André Gide</i>		16
• <i>CEDA Centro de Estudos de Arqueologia</i>		17
• <i>Rádio Universidade</i>		19
• <i>SIPE</i>		20
• <i>Secção Pedagógica</i>		22 e 23
• <i>TEUM Teatro</i>		24
• <i>Poesia Universitária – é preciso...</i>		25
• <i>Errata</i>		28
<b>Diálogo n° 3</b>	Mar. 1970	29
• <i>A Universidade encalhou?</i>		29
• <i>Editorial – A propósito de um editorial</i>		30
• <i>A Carta de Grenoble</i>		31
• <i>A necessidade do Cinema</i>		33
• <i>A Mulher na Universidade</i>		35
• <i>Isadora Duncan e a sua dança</i>		36
• <i>Poesia Universitária- Ghetto</i>		37
• <i>Declaração de Princípios – Mov. Assoc. Português</i>		39
• <i>Recenseamento Eleitoral</i>		42

**Diálogo nº 3 - Suplemento**

- *Cogestão Universitária*
- *Semana Universitária*
- *A propósito de uma notícia*
- *Última hora – Novas Dependências da AAM*

Abr.  
197043  
43 a 49  
50  
51  
51**Diálogo nº 4**

- *Primeira Assembleia Magna da ULM – Luto Académico*
- *Dirigente Académico ameaçado de prisão*
- *Decisões da Assembleia Magna*
- *O primeiro dia do luto académico*
- *Cancelada a Semana Universitária*
- *Luto dos nossos colegas em Lisboa*

Abr.  
197052  
52  
54  
55  
56  
57  
58**Diálogo nº 5**

- *Retrospectiva da crise: na via de um sindicalismo estudantil*
- *Cronologia de uma crise*
- *Manifesto Estudantil*
- *A Mulher na Universidade: Porquê a cultura?*
- *Poesia Universitária- Crónica de uma cidade*
- *“A Senha” – 10º Aniversário da morte de Albert Camus*
- *Teatro e Universidade*

Abr.  
197060  
60  
62  
64  
66  
68  
70  
73

# O DIÁRIO

## MENSAGEM AO CALOIRO

Nº1 - 5/12/69

Mais um ano escolar se iniciou na Universidade, e com ele uma vida nova começa para o que pela primeira vez ingressa na grande escola: O caloiro.

É a ti, caloiro, que nós hoje dedicamos esta crónica.

Não vamos falar-te o que será a tua vida como estudante perante novos métodos de estudo e novas matérias. Também não te vamos falar da vida académica, das suas vantagens, do seu idealismo, porque isso, mais do que nós, a já assinalada alma da Associação Académica de Moçambique te dará comprovadas evidências.

O que nós escolhemos como tema para te oferecer, foi falar de "ti próprio". Sim, de ti, como jovem que dás o primeiro passo na tua formação de Homem.

De ti, que ao ingressares numa Universidade, que tem de estar necessariamente virada para um Moçambique em desenvolvimento, de ti, dizíamos, que ficas-te possuidor de uma responsabilidade como homem válido que tem de sentir, e fazer sentir, a sua acção no meio em que vive.

E aqui surgem as grandes dificuldades. É que a classe universitária não é ainda, entre nós, aceite em toda a sua extensão; é que a classe universitária não passa ainda, para muitos, de um conjunto de "meninos do liceu" que reafirmaram as suas pretensões ou, se protestarem contra o que julgam ser injusto, são apelidados de irreverentes, mal-criados e ingratos.

Quando se fundou o Teatro dos Estudantes Universitários de Moçambique, TEUM, organismo académico que completou há pouco 4 anos de actividade, um dos seus mais activos fundadores, o Dr. Matos Godinho, dizia aos estudantes:

"Ao longo da vossa actividade como universitários vão encontrar quem vos auxilie e compreenda nas vossas actividades; mas vão encontrar também que por vós seja nitidamente contrário, quem esteja sempre à espera de vos atacar e menosprezar."

Estas palavras, caro caloiro, são infelizmente verdade. O estudante, e até a própria Universidade, têm além de quem os compreenda e veja com clareza a sua nobre missão inúmeros inimigos prontos a actuar contra eles.

— Boletim informativo da AAM

Mas tu, caloiro, tal como nós, não deves parar a meio do caminho. Não deves cair no desânimo e desistir na defesa do que achares justo dentro de uma esclarecida responsabilidade.

Tu deves, tu tens, de lutar pela tua formação de HOMEM consciente, de Homem válido que sente em si a infindável tarefa que lhe depositaram

Deves desfraldar a luz límpida do esclarecimento, da dignidade, da justiça, do idealismo e da responsabilidade.

Não te deixes ficar no alheamento e na cómoda posição do imobilismo, mas sim esforça-te na procura da verdade.

Como Lowell dizia:

"Novos tempos exigem novas medidas e novos homens. O Mundo avança e com o tempo são ultrapassadas as leis que para nossos pais foram as melhores; e, sem dúvida, depois de nós um esquema mais puro surgirá, graças a homens mais sábios que nós, feitos mais sábios pelo crescer firme da verdade."

## NOTICIÁRIO

A Reitoria da Universidade entregou, já há alguns meses, à empresa "Profabril", o estudo de planeamento da futura Cidade Universitária a edificar na zona da Sommerchield. O acordo estabelecido com esta firma - que apenas diz respeito à planificação - é superior a mil contos.

Em Agosto passado deslocaram-se a Lourenço Marques alguns técnicos daquela empresa para consultas com a Reitoria e membros do corpo

docente da Universidade. Com eles trabalharam também alguns elementos da Direcção da Associação Académica de Moçambique, muito em especial no que se refere às instalações para as actividades circum-escolares.

Como resultado deste primeiro inquérito, a Profabril entregará em meados de Dezembro o primeiro projecto elaborado.

Põe-se actualmente o problema do financiamento desta construção, a qual orçará em cerca de 500 mil contos (primeira fase) e um milhão de contos na sua totalidade.

A Universidade apresentou ao Governo uma solução: o financiamento seria na sua maior parte feito por consórcios, e mediante certas condições que podem ser consideradas excepcionais.

Aguarda-se para breve a chegada dos primeiros enviados do governo francês para o estabelecimento do acordo.

O futuro edifício da Faculdade de Agronomia - já em adiantada fase de construção - faz parte de um projecto anterior. Espera-se que entre em funcionamento no início do próximo ano lectivo.

vo.

## COLÓQUIO

Índice

Realizou-se na pretérita 3ª feira um colóquio na Residência Universitária Feminina, por iniciativa do A.C.A.U. (Grupo de Animação Cristã do Ambiente Universitário).

Participaram no mesmo o Director do A.C.A.U. e o 1º Vice-Presidente da Associação Académica.

Política de grupo e participam-

ção do estudante na gestão Universitária foram os temas tratados pelos colegas em questão.

O diálogo que se seguiu revelou a oportunidade e necessidade de iniciativas deste jaez.

## SAIU O BIDUC

Foi com satisfação que lemos o nº3 do "Biduc", publicação da ACAU (Grupo de Animação Cristã do Ambiente Universitário). Pelo seu interesse e na medida em que vem ao encontro de princípios sempre defendidos pela A.A.M. transcrevemos uma parte da rubrica editorial.

"Doutra parte é a auréola de esperança que as promessas de reforma criam e sustentam. Reforma, que não é bem para nós, já que, em princípio, uma Universidade Piloto nada tem a rever ou a mudar, mas tão só a construir. Reforma, antes, no sentido de libertação das vestes que lhe impuseram ao figurino da "Velha Universidade" para finalmente, buscar a forma de ser própria que se lhe deseja.

E ainda a criação de novos cursos que, pelo âmbito do saber a que respeitam, nos trazem justificados motivos de espirito novo, dando nova face à tecnocrata Universidade da fundação.

Finalmente, motivos de esperança estão nas largas centenas de novos universitários que agora chegam e a quem, muito especialmente, dedicamos este número. Também, por eles, sentimos certeza de nova força que faça emergir da letargia e do indiferentismo a maioria da população universitária - massa amorfa consumidora de conhecimentos mais ou menos fabricados."

## C.C. 66

Aproveitamos a saída de "O DIA LOGO" para fazer uma retrospectiva e definir a actividade futura desta Secção.

Em 1969 foi exibida na sede da A.A.M. uma série de filmes, de que realçamos "O IDIOTA" de Georges Lumppin, "LA PEAU DOUCE", de F. Truffaut, "MOUCHETTE" e "PICKPOCKET" de Robert Bresson e por último "O CONTO DO VI-GÁRIO" de F. Fellini.

Embora conservando a sua autonomia de exibição interna de filmes o C.C.66 entrou numa fase de colaboração directa com o C.C.L.M. o que nos permite um pleno acesso à sua Secção de Cinema Amador cujas actividades contamos que, a curto prazo, sejam transferidas para a sede da AAM.

Quanto à sua actividade futura o C.C.66 está a estabelecer contactos com cinematecas e cine-clubes nacionais e estrangeiros, esperando assim poder organizar uma programação que sirva um objectivo que é essencialmente de qualidade cinematográfica.

Consideramos ainda, como pontos fundamentais, a organização de uma biblioteca, de conferências e debates sobre temas de cinema, e a colaboração com outras secções e a própria universidade, de que são exemplos as sessões de filmes desportivos e médicos já realizadas.

Para cumprir todo o seu programa o C.C.66 necessita de um maior corpo de colaboradores, apelando para que todos os estudantes, realmente interessados nas suas actividades, se prontifiquem a dar a sua ajuda a esta Secção da A.A.M.

# ACAU

Conferência do Prof. Luis Albuquerque

Organizado pelo ACAU (Grupo de Animação Cristã do Ambiente Universitário) realizou-se no passado sábado dia 22 uma conferência proferida pelo Prof. Luis Albuquerque e subordinada ao título "As responsabilidades do universitário".

Congratulamo-nos com esta realização, pois trata-se de um importante contributo para uma melhor consciencialização do estudante da U.L.M. O nosso aplauso para os seus organizadores, esperando que continuem a contribuir para a promoção do estudante universitário.

Neste breve colóquio, o Prof. Luis Albuquerque a apresentou o assunto de forma simples e sintética, e de acordo com o esquema que se segue:

1º) Responsabilidades para si próprio - Na aquisição de uma cultura e conhecimento técnico especializado.

2º) Responsabilidades para com a Universidade - À qual qualquer estudante deve uma participação desinteressada com vista a um bom rendimento da instituição.

3º) Responsabilidades para com a sociedade - a) Pelo dispêndio material a que cada estudante obriga a população. b) Pelo facto de ser um indivíduo privilegiado, pois nem todos têm acesso à Universidade. c) Pelo dever de contribuir para o progresso do meio social onde está integrado.

Seguiu-se um interessante debate no qual participaram vários estudantes, o que mostra bem o êxito de

tal realização. Apontamo-la como um exemplo a seguir por outras organizações estudantis, pois é uma contribuição efectiva para uma melhor formação do estudante universitário.

## INFORMAÇÃO

Desde o começo das aulas, há apenas pouco mais de uma semana, saíram vários números de uma nova publicação da Secção Pedagógica da A.A.M. - "Informação Pedagógica".

Os primeiros números contêm informações sobre os programas dos cursos, com notas bibliográficas e conselhos sobre a forma de estudar.

Pelo interesse e actualidade de tal publicação, transcrevemos um período da rubrica "Nota explicativa", saída no primeiro número:

"Será também uma forma de divulgar elementos cujo conhecimento permitirá a cada um dos colegas, principalmente aos mais novos, uma melhor estruturação das disciplinas, de conceitos acerca do curso e do meio que o rodeia; serão novos dados, por vezes de difícil acesso, que sem dúvida contribuirão para que o estudante se integre na vida universitária, integração essa que para nós, significa, não só cumprir as obrigações escolares como também, participar activamente na promoção do estudante e na promoção da Universidade. E isso requer trabalho desinteressado."

Esperamos que a publicação não fique pelos primeiros números, pois trata-se de uma iniciativa louvável que trará benefícios a muitos colegas.

"R.U."

A 11 de Janeiro de 1967 foi pela primeira vez para o ar a Rádio Universidade.

A ideia básica que o grupo de universitários fundadores da R.U. tinha em mente era a de "fazer rádio".

34 meses passados - tempo que alguns acham demasiado, e outros ainda pouco -, após tanta renovação de colaboradores que tem ocorrido dentro da R.U., torna-se necessário retomar o problema inicial e tentar responder a perguntas tão elementares, como esta: "A RÁDIO UNIVERSIDADE destina-se A QUEM? E com que finalidade o faz?"

Somos da opinião que a R.U. "faz rádio" para os universitários, para os estudantes e, em geral, para todos os que acharem na sua programação algo que lhes desperte interesse.

Numa estrutura educacional onde são tão flagrantes as deficiências de formação geral, mormente no que respeita às Ciências Humanísticas, deve a RÁDIO UNIVERSIDADE debruçar-se, orientar e chamar a atenção de determinados assuntos que permitam, em certa medida, completar a formação do estudante como HOMEM VÁLIDO e RESPONSÁVEL perante a sociedade em que vive. Resumindo, a função da RÁDIO UNIVERSIDADE deve ser, basicamente, FORMATIVA.

Mas aqui, surge um novo problema: é certo que devemos fazer programas de carácter formativo (com interesse) mas ser-nos-à dada a possibilidade de os transmitir?

Infelizmente a resposta é de que existem grandes barreiras quanto à sua radiofusão. "Tabús", os assuntos in-

tocáveis, e que foram arreigados durante anos por uma programação do tipo comercial, são também aplicados pela censura a uma R.U. que deve desempenhar um papel na nossa rádio totalmente diferente da que existe. Não queremos com isto atacar a programação do R.C.M., organismo de quem sempre temos recebido a máxima ajuda e colaboração, o que queremos é dizer que as preocupações de programação de uma R.U. são totalmente diferentes das de uma rádio comercial, o que aliás é perfeitamente lógico e aceitável.

A universidade e a sua rádio, devem ter liberdade para, dentro de uma justa responsabilidade, abordar problemas como os da economia, sociologia, educação sexual, etc.

Para quem ainda desconhecer quão pesadas são as limitações de programação numa R.U. bastar-nos-à referir os quatro últimos programas cortados pela censura:

a) "Música nos subúrbios" - cantares nativos acompanhados da letra em português. Este programa foi inicialmente aprovado e gravado, e depois reprovado e desgravado, com óbvios prejuízos para a R.U. que teve "à última hora" de preencher o tempo cortado, de qualquer forma.

b) "Ecran Sonora nº 104". Defendia-se a protecção do cinema nacional afirmando que a TAP deveria ter entregue a feitura do documentário "Portugal do meu amor" a cineastas portugueses em vez de o fazer a cineastas estrangeiros. Focava-se ainda a existência de legislação protectora dos cinemas nacionais, noutros países.

c) CONTRA PONTO EXPERIMENTAL Nº.3 - Transcrevia-se a palestra proferida pelo Exm Senhor Dr. Xavier Pintado, proeminente figura do actual go-



verno português, onde ocupa o cargo de Secretário do Estado do Comércio. Esta palestra foi publicada na prestimosa revista Moçambicana "Indústria de Moçambique", e, como tal, já foi visada pela Comissão de Censura de Lourenço Marques.

Ainda relativamente a este programa pode-se divulgar que ele tivera aprovação para ser emitido a 18 de Outubro, o que não foi feito por motivos alheios à nossa vontade. Ora, quando o pretendemos emitir a 2 de Novembro, fomos informados que em duas semanas ele passar de aprovado a reprovado.

d) A ACTUALIDADE EM DESTAQUE - 4 notícias publicadas pelos jornais locais, Notícias e Notícias da Tarde. O que é dito pela imprensa local não pode ser transcrito pelos universitários.

Além destes programas fomos ainda proibidos de proferir as palavras "sucesso", "destaque", "constatar", e "ter lugar", com base no facto de "não serem palavras da Língua Portuguesa", muito embora uma regente dos Cursos de Letras da U.L.M., a Drª Maria de Lourdes Cortes, nos tenha afirmado não existirem razões para tal atitude. Exposto este facto, o encarregado de Censura declarou não aceitar a opinião do referido elemento da nossa Universidade (!!!).

Não devem ser, porém, estas limitações que nos façam cair os braços em sinal de desânimo ou recusa de continuar o caminho traçado. Temos, antes pelo contrário, de trabalhar ainda com mais convicção no que fazemos

por uma RÁDIO UNIVERSIDADE que cumpra cada vez mais a sua acção FORMATIVA para com os estudantes, e se filie num ideal de Justiça e Valorização Cultural e Social do HOMEM, no salutar Respeito e Responsabilidade que todo o Homem deve ter pelo seu semelhante.

## "HOQUEI"

Deslocou-se à República da África do Sul, a convite do Pretoria da Gama Club, a equipa de Hóquei em Patins da categoria de Séniores da nossa Associação. A caravana era chefiada pelo Snr. Engenheiro Spencer, Professor da Universidade, acompanhando-a ainda um delegado da ADPLM, dirigentes da Secção de Hóquei e um Director da A.A.M.

Esta deslocação pode considerar-se um êxito quer no que diz respeito à parte desportiva (a equipa da A.A.M. depois de ter sido derrotada por 6-2 no 1º jogo averbou 2 vitórias consecutivas por 7-6 e 7-2 nos restantes jogos) quer no que se refere à parte social.

Aos elementos da caravana foi facultada uma visita à Universidade de Pretória tendo sido acompanhados por um Professor da referida Universidade e por um elemento da Direcção do Pretória da Gama Club.

A caravana apresentou ainda cumprimentos ao Consul de Portugal e ao General-Comandante Kloppe, Presidente do Pretória da Gama Club.

Antes do início do 2º jogo, os jogadores da nossa equipa distribuíram flores às esposas das personalidades presentes. A este jogo assistiu o Ministro da Educação da África do Sul.

A organização do Fiestaland, que é uma "Farm" transformada em recinto de diversões e onde a nossa equipa realizou 2 dos jogos, convidou os componentes da caravana para passarem 7 dias, no próximo mês de Fevereiro, na referida Farm, tendo as instalações sido postas à disposição destes.

## DELEGADOS DE CURSO - ELEIÇÕES

Apresentamos os resultados das eleições dos Delegados de alguns dos Cursos desta Universidade.

### Cursos de Letras

Representante ao Conselho Consultivo -  
- Maria Manuela Sousa Lobo.

Delegado do Curso de Românicas - Guilherme da Silva Pereira.

Delegado do Curso de História - Olga Iglésias.

### Curso de Medicina

Representantes aos Conselho Consultivo - João Melo Correia e Daniel Brito Aleluia.

Delegados de Curso:

- 1º Ano - Abel Calado
- 2º Ano - João Carlos Ferreira
- 3º Ano - Daniel Aleluia
- 4º Ano - Joaquim Barbosa
- 5º Ano - Eduardo Murinelo
- 6º Ano - António Murinelo

### Cursos de Engenharia

#### Civil

- 1º Ano - Mário Rebelo
- 2º Ano - João Hipólito
- 3º Ano - Mota Ramos
- 4º Ano - Victor Pimentel
- 5º Ano - Rui Gonzalez
- 6º Ano - José Manuel Lopes Pereira

ra

### Electrotécnica

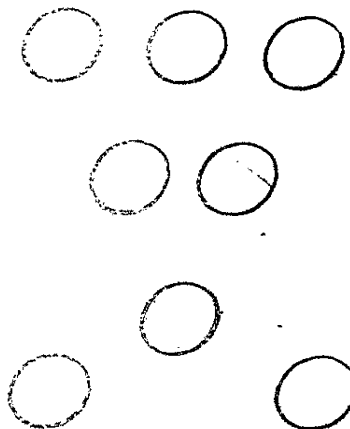
- 1º Ano - Pedro Casimiro
- 2º Ano - Muscolino Giuseppe
- 3º Ano - Jorge Esteves
- 4º Ano - António Oliva
- 5º Ano - São Gonçalves
- 6º Ano - Eduardo Pacheco

### Máquinas

- 1º Ano - Isabel Abelha
- 2º Ano - Serafim Madureira
- 3º Ano - António Rodrigues
- 4º Ano - Jacques Valente
- 5º Ano - José Ribeiro
- 6º Ano - Elias de Sousa

### Química

- 1º Ano - Zélia Fernandes
- 2º Ano - Edgar Malato
- 3º Ano - Isabel Ferreira
- 4º Ano - António Saraiva
- 5º Ano - José Manuel Pereira
- 6º Ano - Luis Gonzalez



# DELEGADOS de CURSO

O crescimento populacional da Universidade de Lourenço Marques (cerca de 1500 alunos no presente ano lectivo) quer por via dos cursos criados em 1963/1964 quer pela criação de outros (8º e 11º grupos, Letras e Ciências), a diminuição relativa do número de professores com a consequente superlotação dos primeiros anos de cada curso, como já se verifica este ano principalmente no tocante aos cursos de Medicina e Engenharia, o arcaísmo em sobre que ainda assentam os pilares da Universidade portuguesa face à evolução técnica e social que fazem do mundo de há cinquenta anos um arremedo de progresso, a impossibilidade de um diálogo objectivo entre discentes e docentes, entre os próprios discentes e docentes entre si, motivada exacerbação do trabalho burocrático, por uma hierarquização assente no progresso da conquista da cátedra (vitália), pelo planeamento dos cursos segundo uma perspectiva personalista, pela tendência paternalista que existe em tratar os problemas que afectam os estudantes, pelo menosprezo manifesto em abordar os problemas universitários dentro de um contexto actual e racional, pela tentativa de dirigismo sobre todos os problemas da Universidade, pela segregação da Universidade às forças em jogo dentro da sociedade que a circunda, por uma sociedade que criou uma engrenagem que é preciso alimentar e que se serve dos seus filhos para a manter, fazem do convívio aluno-professor senão um convívio hostil (já lá vai o

tempo felizmente) pelo menos um convívio assente na desconfiança de quem julga e será julgado.

Se nos primeiros anos, o Reitor da Universidade de Lourenço Marques e o corpo docente que o acompanhou tentaram criar, como foi proclamado várias vezes, uma solução de compromisso com os estudantes sobre os problemas circum-escolares, já o mesmo não se passou no que respeita aos problemas pedagógicos em que os estudantes foram sistematicamente esquecidos, até ao ano lectivo que findou, altura em que pela primeira vez os estudantes tiveram audiência, ainda que restrita, sobre a elaboração de uma possível reforma universitária.

Nota dominante neste sector, é o facto de ter sido sempre da reitoria a iniciativa de apresentar propostas sobre as quais os estudantes depois de se pronunciarem sem que no entanto isso viesse a alterar o processo iniciado nos gabinetes do corpo docente. Os estudantes apareciam assim não como um factor real a considerar mas como um reóstato intercalado no circuito mas sem possibilidades de regular a corrente.

Como porém toda a acção dá origem a uma reacção neste caso os estudantes procuraram organizar-se, congregando-se, a nível de Faculdade à volta dos delegados de curso eleitos pelos diferentes anos de cada curso. Da sua acção, ainda que algumas vezes mal dirigida, nasceu o sentido de necessidade de alguém ou alguma coisa que tomasse sobre si o encargo de porta-voz dos reais problemas com que a Universidade se debate e sobre os estudantes desejam ser ouvidos.

Sabemos que o passado só nos interessa, e portanto os factos pertinentes à história, quando deles podemos tirar lições para o presente. No domínio da história estão já os delegados do último ano lectivo e a acção que desenvolveram. Aos estudantes em geral pertence o julgamento desses delegados como indivíduos, antes do trabalho que desenvolveram e também os ensinamentos que desse trabalho adquirimos. No ano lectivo que agora começa alguns conceitos julgamos poder exprimir acerca do planeamento da acção de delegado de curso, muito embora tenhamos sempre como primeira permissa a prioridade das decisões do curso. Assim, baseando-nos na análise que durante todo um ano lectivo fizemos sobre as funções de um delegado de curso, talvez as possamos esquematizar da seguinte forma:

- consciencialização dos problemas que afectam a estrutura universitária portuguesa em geral e a moçambicana em particular.

- prospecção dentro da universidade em geral e do curso em particular - das opiniões dos estudantes sobre a elaboração da mesma reforma universitária.

- planeamento das actividades para esse ano lectivo.

reuniões periódicas com o curso em que serão debatidos quer os problemas imediatos quer os mediatos, orientando o delegado de curso a sua actividade pela opinião dos colegas.

- reuniões periódicas com os outros delegados de curso da mesma Faculdade como forma de estabelecimento de compromissos na solução de problemas comuns e das quais serão dados relatos detalhados, nas reuni

ões de curso.

- reuniões com a Junta de Delegados como forma de tentativa de elaboração de soluções para os problemas da Universidade.

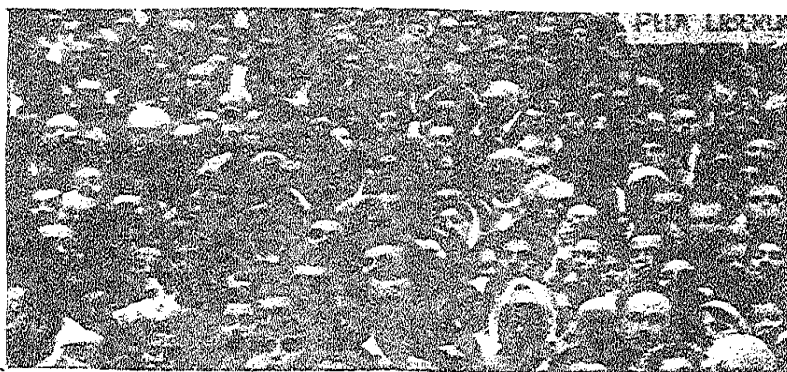
É aliás numa Junta de Delegados, formada pelos delegados de curso de todas as Faculdades, que julgamos estar o fulcro da emancipação dos estudantes na nossa Universidade e a possibilidade de diálogo com o corpo docente.

Estes os seis pontos que julgamos vitais, a par de outros que sempre surgem no seio das situações, para um trabalho frutífero e digno. Julgamos que o progresso de uma Universidade não se difra pelas suas instalações e também não só pelo seu apetrechamento mecânico, antes pela qualidade do seu apetrechamento humano mais que pela sua quantidade, embora haja uma relação dinâmica entre os termos de proporção. E na base dessa qualidade está a fraternidade que deve unir os estudantes entre si e estes com os professores, mesmo que no plano das ideias as opiniões em jogo sejam divergentes. A criação de um fosso no qual residam a intolerância, a irrascibilidade e a mesquinhez leva a uma situação de divisão de esforços que poderá convir a todos menos aos estudantes, sobretudo numa fase em que as atenções se começam a concentrar em nós. Sobretudo, claro, no caso de querermos ter voz.

# o diálogo

## Uma Universidade

## NOVA ?



"O sistema atingiu o ponto de fractura e antes que esta pro-voque a desagregação, há que remodelá-lo com a presteza que garanta a salvação do que não deve nem pode ser perdido".

Prof. Veiga Simão

Em Portugal, a Universidade entrou na crise final: 40.000 estudantes rejeitam uma instituição tradicionalista, "fossilizada", incapaz de satisfazer os mínimos requisitos que uma nação dela exige.

"Mas nesta casa de trabalho muita coisa está mal porque a alguns convém que esteja mal. Daremos apenas alguns exemplos entre os menos técnicos e mais fáceis de compreender a quem não tem experiência universitária. Assim:

- Alguns professores catedráticos, proprietários vitalícios da sua cátedra, agem, muitas vezes, mais como proprietários do que como professores, trabalhando mais na valorização dos seus alunos. À vaidade junta-se o interesse pessoal e à irresponsabilidade, o comodismo e o desinteresse. E assim, muitos deles não sabem, não podem ou não querem ter o trabalho de se dedicarem à valorização dos seus alunos. Muitos deles ignoram, mesmo, a cara dos seus alunos e recusam-lhe a sua amizade e o seu interesse. Muitos deles limitam-se a recitar o que vem no livro que, em tempos, escreveram e, por último, a verificar no exame se o aluno decorou o que eles recitaram ao longo do ano.

Continua

(Continua na pág. 14)

# NOTICIÁRIO

## inquérito ao estudante

A Secção de Informação, Propaganda e Estatística da A.A.M. (SIPE) faz presentemente o estudo do Inquérito a Universidade que durante o ano lectivo passado circulou nas faculdades.

Lembramos que este inquérito foi elaborado com base na consulta à população universitária levada a cabo pelas direcções da Juventude Universitária Católica (JUC) em 1964. Este organismo estudantil publicou os resultados do seu Inquérito em Março de 1969 tendo utilizado computadores para o seu estudo. Desnecessário se torna mostrar as dificuldades com que luta a S.I.P.E. para apresentar um estudo das respostas.

No entanto a SIPE pretende fornecer os resultados parciais para se conjugarem finalmente os dados e se fazer uma apreciação de conjunto.

## BOLÉTIM DO TEUM

Segundo nos informaram colegas membros do TEUM (Teatro de Estudantes Universitários de Moçambique) sairá ainda neste mês de Janeiro mais um nú-

mero do boletim do TEUM.

Este número é fruto de um novo esforço para melhorar a publicação. Desta forma "O DIÁLOGO" não quer deixar de saudar o corpo redactorial, do boletim, desejando ampla audição no meio universitário.

## Semana de recepção ao caloiro

Realizou-se em Dezembro passado a Semana de Recepção aos Novos Alunos, organizada pela Secção de Festas da A.A.M.

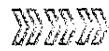
Decorreu da melhor forma e dentro do espírito de camaradagem que todos esperávamos.

Do programa constaram as seguintes realizações:

- Dia 5 - Sessão de convívio
- Dia 6,7 e 8 - Excursão ao Bilene
- Dia 10 - Mini-Puzzle
- Dia 11 - Sessão de cinema onde se projectou o filme "O FARAÓ"
- Dia 12 - Conferência proferida por D. Daniel de Pina Cabral, Bispo dos Libombos
- Dia 13 - Baile para entrega dos prémios do Mini-Puzzle.

A Semana de Recepção aos Novos Alunos entrou na rotina das realizações da A.A.M. É uma forma de dar a conhecer a A.A.M. aos novos alunos e também uma

forma de melhor os integrar na vida universitária. Esperemos que no próximo ano as responsabilidades da organização da Semana sejam atribuídas de forma mais precisa e concreta pois geralmente



## Biduc

No passado mês de Dezembro circulou na Universidade mais um número, o



## ELEIÇÕES NA AAM

Foram eleitos no passado dia 14 de Dezembro em Assembleia Geral expressamente convocada para esse efeito os novos corpos gerentes da Associação Académica de Moçambique. A única lista que se candidatou eleita por 58 votos a favor e 11 abstenções tem a seguinte constituição:

### ASSEMBLEIA GERAL

Presidente	- Henrique Guedes Pinto
Vice-Presidente	- Vitório Vaz
Secretário	- Maria de Pátima Mendonça

### DIRECÇÃO GERAL

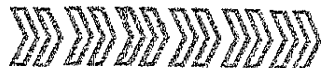
Presidente	- Luis Alfaro Cardoso
1º.Vice-Presidente	- José Luis da Rocha Lobo
2º.Vice-Presidente	- Artur Lima
3º.Vice-Presidente	- António Cabral
Tesoureiro	- Rui Farias
1º.Secretário	- Guilherme da Silva Pereira
2º.Secretário	- Luis do Carmo Zambujo
Vogal Nomeado	- Rui Manuel Bastos dos Santos

### CONSELHO FISCAL

Presidente	- Carlos Andias da Paula
1º.Secretário	- Alberto Teixeira da Fonseca
2º.Secretário	- José Francisco Portela

te ele coincide com o período eleitoral, precisamente o da transferência de responsabilidades. Assim nesta Semana poder-se-ia ter feito um programa de realizações e a propaganda feita à sua volta poderia ter sido outra. Estamos certos que a Direcção Geral não deixará de se ocupar deste problema pois a sua resolução permitirá que a Semana se projecte de outra forma na Universidade.

ACAU



quarto do Biduc. Este boletim é uma publicação de, ACAU (Grupo de Animação Cristã do Ambiente Universitário) versa temas que interessam a todo o universitário e à Universidade em geral. Esperemos que o Biduc apesar de ser uma publicação de um grupo "engagé" e portanto restrito, conserve o seu carácter universalista, a sua abertura em relação a todos os problemas universitários.

Baqui renovamos os nossos votos de continuidade e o nosso aplauso pelos serviços prestados à formação integral do estudante.

Índice

## DOS JORNAIS...



### SEGUIU PARA LISBOA O PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE MOÇAMBIQUE

No avião da carreira da TAP, seguiu ontem para Lisboa o presidente da Direcção da Associação Académica de Moçambique, estudante Luis Alfaro Cardoso, que se desloca à capital para tratar de assuntos relacionados com a viagem recente do Reitor da Universidade, Prof. Doutor Veiga Simão, e com aquela associação.

A viagem do presidente da Associação Académica foi custeada pela Reitoria da Universidade.

Por outro lado, no avião anterior, seguiu também para Lisboa o Vice-Reitor da Universidade, Prof. Doutor Vítor Crespo.

Em comunicado distribuído no dia 12, a Direcção Geral da A.A.M. discrimina os objectivos da viagem do colega Luis Alfaro Cardoso:

1º. - Apelar a nomeação do Prof. Veiga Simão para Ministro da Educação Nacional, estar presente no respectivo acto de posse e nele, se possível, deixar bem manifesto o desejo de todos os estudantes em ver resolvidos, à luz clara do entendimento alicerça-

do no diálogo autêntico, os inúmeros problemas que emperram o ensino português. Nessa medida, será salientada com a necessária energia e confiança dos estudantes de Moçambique na pessoa (esclarecida) do Prof. Veiga Simão;

2º. - Encetar contactos com outros dirigentes académicos no sentido de se ventilarem hipóteses dum assíduo e salutar intercâmbio estudantil;

3º. - Promover sessões de esclarecimento sobre os princípios e ideais da Associação Académica de Moçambique, como organismo de representatividade estudantil.

# andré gide

PELO

ENG. EUGÉNIO LISBOA

Comemorando o primeiro centenário do nascimento do escritor francês André Gide, realizou-se no passado dia 12 de Janeiro, na sede da A.A.M., uma conferência sobre a vida e obra daquele insigne representante da Literatura Francesa.

Mais de uma centena de pessoas tes

(Continua na pág.11)

Continua

## vai ao

# BAILE DO CALOIRO

DIA 17, SÁBADO - NA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS

ESTUDANTES DE COIMBRA, A

PARTIR DAS 21 HORAS ATÉ

"PARTIR"



## Encontrado um Esqueleto Humano

"Algumas notas sobre os trabalhos realizados pelo C.E.D.A. no programa de estudos dos concheiros da costa".

Com a realização, em Agosto de 1968, do seu 2º. campo de trabalhos, lançou-se o C.E.D.A. decididamente no estudo do primitivo povoamento costeiro.

Para já, entre os resultados conseguidos, salientam-se aqueles que foram obtidos na zona do Xai-Xai/Chongoene, na qual actualmente são conhecidos e devidamente localizados 18 concheiros.

Definimos concheiros, nos nossos "Apostamentos de Arqueologia Geral e de Campo", com as seguintes palavras:

"... defini-los como "lixeiras fossilizadas", na realidade são acumulações de conchas, ossos, instrumentos, olaria e por vezes mesmo ossadas humanas provenientes de enterramentos lá realizados".

**REALIZAÇÃO  
DA  
SEÇÕES**

**centro de estudos**

**C.E.D.A.**

**de arqueologia**

Perfeitamente enquadrados nesta definição os concheiros estudados pelo C.E.D.A. ofereceram já colheitas importantes de olaria e num deles, o chamado "Xai-Xai I" ou "Concheiro da praia velha do Chai-Chai", surgiu já o achado, aliás importantíssimo, de um esqueleto humano fragmentário, que

constitui o segundo achado de restos humanos antigos, realizado em Moçambique. De facto, já no mesmo local, os Profs. P. Breuil e Riet Lowe tinham, em 1943, descoberto um fémur humano classificado como sendo feminino e de provável cruzamento banto-bosquimane.

Este conjunto de achados leva-nos a crer que, neste momento, nos é já possível afirmar que, algo que até agora se dizia como hipótese não fundamentada, se pode agora afirmar com grande segurança e documentadamente. É assim que cremos poder esboçar três fases no povoamento costeiro:

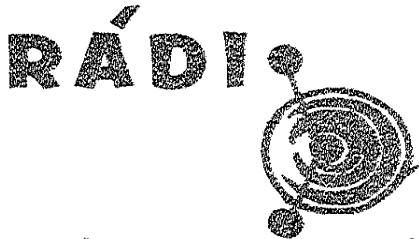


1ª. Fase - Fase pré-banta - populações de tipo hotentote ou bosquimano - olaria muito primitiva de fabrico manual rude com paredes espessas, têmpera de elementos grosseiros como sejam fragmentos de conchas, cascalho ou olaria moída. Decoração incisa pobre, linear cruzada, ou por impressão de um bordo de concha. Má cozedura, cores amareladas e acinzentadas. Representada nos concheiros mais antigos do Chongoene (por exemplo: Chongoene V).

2ª. Fase - Fase de fusão entre bantos e pré-bantos - populações mistas com começo de predomínio do tipo banto - olaria mista, coexistem o tipo anterior e a olaria já tipicamente banta de cor vermelha e castanha escura. Decoração mais abundante e variada. (por exemplo: Xai-Xai I).

3ª. Fase - Fase banta - populações bantas - olaria fina de formas e decoração variadas (por exemplo: Concheiros da Catembe).

Os estudos das colecções recolhidas estão actualmente a decorrer no C.E.D.A. e são de prever para o mais breve possível novas saídas de campo e campos de trabalho que conduzam a novos esclarecimentos do problema, longe ainda de estar esgotado.



A Rádio Universidade está numa fase bastante difícil da sua existência.

Tem sido muito criticada, umas vezes com razão outras vezes sem ela, neste último caso resultante do desconhecimento de determinado número de factores que a condicionam.

Neste momento estamos fazendo face a um problema que pela sua gravidade tem condicionado toda a rádio:

- a questão de censura

A R.U. está sujeita a duas censuras sendo uma da própria Universidade de Lourenço Marques. A primeira é uma imposição do próprio Rádio Clube. Da segunda o mínimo que podemos dizer é que é simplesmente aviltante e atinge as raias do inconcebível. Ao atentarmos no nível de tal censura quase que somos levados a pôr a hipótese de os responsáveis por ela, serem indivíduos sem um mínimo de qualificações para o efeito. Mas o nosso senso comum recusa tal hipótese. Não é possível que uma emissora com tanta projecção como é o R.C.M. não tenha ao seu serviço pessoas capazes. Somos então forçados a admitir que o R.C.M. (os seus responsáveis) querem é pura e simplesmente fazer com que a R.U. seja apenas mais uma das estações tocadoras de discos da cidade. E nesse domínio a nossa puramente amadora rádio não tem a mínima chance face a um R.C.M. altamente profissionalizado.

Tudo isto porque impedida de a-

apresentar de facto bons programas a R.U. cai na mediocridade que infelizmente é geral. Assim se criam as motivações para toda a série de pressões a que estamos sujeitos entre elas a ameaça de expulsão do R.C.M.

Mas nós não desistimos. Lutamos até ao fim sem desfalecimento, tentando criar uma verdadeira estação de rádio diferente para melhor, de tudo quanto se faz em Moçambique.

Neste momento o Exmo. Senhor Reitor procura, através de incansáveis diligências junto do Exmo. Senhor Governador Geral, que a R.U. fique apenas sujeita à censura oficial. Se tal for conseguido um dos nossos magnos problemas estará resolvido. Desde já agradecemos ao Senhor Reitor o interesse demonstrado pela R.U., que pode vir a ser um grande organismo difusor de cultura e dos ideais estudantis.

Em complemento a esta iniciativa do Senhor Reitor, procura esta Secção da A.A.M. adquirir um emissor próprio que lhe dê a autonomia de todo necessária à satisfação dos seus ideais, que são o de todos os verdadeiros estudantes universitários.

- Ajudar a formação do cidadão estudante universitário, despertando-lhe o sentido crítico.

- Consciencializar o estudante sobre todos os problemas pedagógicos que afectam a nossa Universidade e procurar com que ela rompa o casulo em que vive e se integre verdadeiramente na sociedade de modo a poder analisar-lhe os pro-

# UNIVERSIDADE

blemas e deste modo tentar achar soluções para esses problemas.

Porém a aquisição de tal emissor é difícil pois o seu custo é muito elevado.

Presentemente procede-se à feitura duma "consolette" seguindo-se logo que esteja pronta o revestimento acústico das salas de gravação de modo a podermos realizar todos os nossos programas aqui na sede da A.A.M.

Esta é a situação em linhas gerais da R.U.

Não terminamos sem fazer um apelo a todos os colegas para que colaborem connosco construtivamente dando-nos os seus conselhos e trabalhando ao mesmo tempo, pois só assim é possível fazer da Rádio aquilo que queremos que ela seja.

Façam programas. Entreguem-nos.

De braços abertos os receberemos e sobre eles daremos indicações sobre o que está bem e o que precisa de ser corrigido, através do nosso conselho de programação.

Os programas que cada colega fizer, entrega-os ou na Secção de Textos ou na Secretaria da A.A.M. ou directamente a qualquer dos elementos da direcção da R.U..

Indice

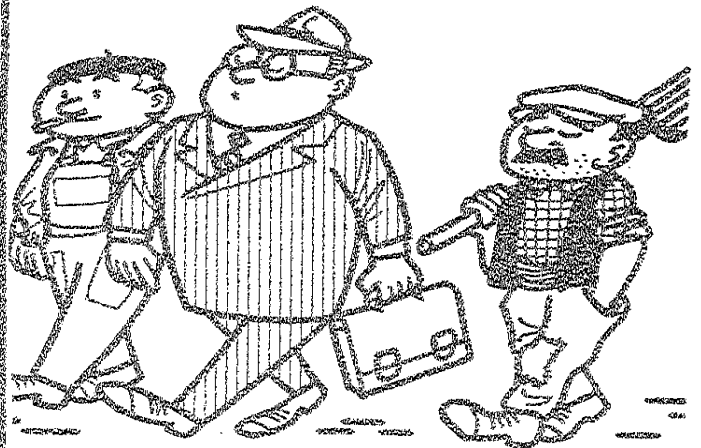
## SIPE

A Secção de Informação Propaganda e Estatística ensaia este ano lectivo os primeiros passos de uma organização que se guie em grandes dimensões - tal é a carência de documentação e informação do nosso meio universitário.

As suas instalações melhoram substancialmente e espera-se que em breve esteja devidamente equipada.

O número de colaboradores tem aumentado em relação ao ano passado.

No entanto, a fase que se prolongou até agora, de iniciação de estrutura,



ru, outra terá de se seguir - a do trabalho ordenado e eficiente - a que só se chegará com a cooperação activa dos actuais elementos da S.I.P.E. e dos que a eles quiserem juntar os seus esforços.

## Secções culturais

A importância duma adequada formação social e cultural torna-se indiscutível em qualquer universidade do nosso tempo. Será então objectivo último do conjunto de actividades culturais da A.A.M. a abertura ao estudante de toda uma série de vias que lhe permitam o entrar em contacto com outras estruturas, outras actividades e problemas dum mundo em que se vive e tão mal se conhece. A esta acção formativa de

# OUVE A

## rádio

### universidade

- SÁBADOS - DAS 17 AS 18 HORAS

- DOMINGOS - DAS 9 AS 11 HORAS

Em 258 metros onda média e em modulação de frequência no canal 122.

- Estação C do R.C.M. -

# COM A

## rádio

### universidade

## COLABORA

Entrega os teus trabalhos aos elementos da direcção da R.U.

António José Ribeiro

Dario Cruz Coelho

Fernando Cabral Martins

Leonardo Sousa Magalhães

Maria da Conceição Gonçalves

qualquer actividade cultural junta-se o carácter recreativo de algumas destas secções como a Música e, até certo ponto o Teatro e o Cinema e teremos um campo de acção imenso com os seus também imensos problemas. Por exemplo, a falta de verdadeiros colaboradores que se nota em certas secções, as instalações pouco apropriadas de outras, a saída, durante as férias de elementos fundamentais nestas actividades, e até problemas que surgem de fora do âmbito de trabalho da própria A.A.M. e da Universidade. Sente-se pois a necessidade não só de mais e mais colaboradores válidos como de continuar a tentar a orientação adequada à acção dos mesmos. Para isto esperamos a compreensão dos estudantes e a ajuda das suas maiores ou menores aptidões, do muito ou pouco "jeito" de que por ventura sejam possuidores.

Índice



# seção

Continuando com a nossa actividade e seguindo as vias das escolhas para esta linha de trabalho, para este sentido seria necessário uma série de reuniões com os colegas da turma, nomeadamente os do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos, embora na prática do "trabalho" tenham sido criadas uma série de trabalhos em curso.

Os estudos no âmbito das actividades pedagógicas são realizados com especial atenção a dois problemas que os afligem, dada as suas características, de abrangência: séries de estudo ao alcance de todos os colegas e critérios de avaliação muito variados pelos professores. Num e noutro caso foram apresentadas várias soluções sendo de salientar a necessidade de o professor pôr à disposição do aluno as

lições escritas, de modo a fornecerem-se "livros-base", nas bibliotecas da U.L.P.; a necessidade de pontos diferenciados de matéria nas cadeiras de ensino, ao longo do ano lectivo, como se tem vindo a fazer nos três últimos anos de Tm. Civil, normalizando simultaneamente o sistema de pontos eliminatórios de exame e de pontos de aviso.

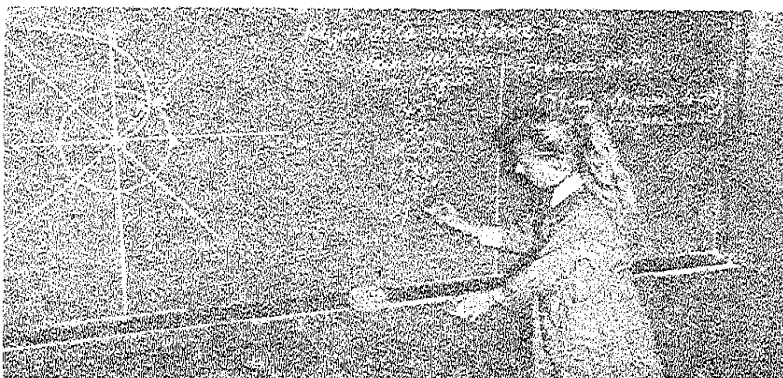
Outras conclusões foram, distintamente, as, pelas escolas e "Instituições Pedagógicas".

As conclusões tendem a ser ainda mais abrangentes, dadas as conferências e a sua na sobre as respectivas áreas, nos moldes de que um grupo de estudantes da U.L.P. na Costa Verde, surgiu a favor a este trabalho Pedagógico.

Foi ainda elaborado pelos professores de curso um projecto de estatutos do Conselho Pedagógico que se destinam a regular o funcionamento daquela orgão.

# PEDAGÓGICA

Índice



(Continuado da pág. 4)

temnham interessadas o brilhante trabalho do Eng. Eugénio Lisboa, cuja apresentação esteve a cargo do Dr. Adrião Rodrigues. Por intermédio deste foi agradecida a cedência da sala da A.A.M. e só será de lamentar que tantas portas se tenham abruptamente fechado antes da A.A.M. chamar a si a iniciativa de apoiar esta conferência.

Abrindo a sessão, o Secretário da Direcção Geral, Guilherme da Silva Pereira, após uma breve alocução sobre a evolução idealista da A.A.M. até aos nossos dias e desde a sua formação, salientou a vontade de todos os estudantes em participarem activamente na sua sociedade e, nesta medida, em manifestações culturais desta natureza.

Terminou afirmando que "A A.A.M. tem as suas portas abertas a toda e qualquer manifestação cultural" e, por fim, agradeceu a presença do conferencista Eng. Lisboa.

Longamente aplaudido por todos os presentes, o trabalho sobre André Gide foi documentado pelos colegas Ricardo Barradas e José Peixoto, sendo um excerto de " regresso do Filho Pródigo".

## CONSELHO CONSULTIVO

Reuniu no passado dia 7 de Janeiro o Conselho Consultivo para assuntos Pedagógicos e de Gestão Universitária - órgão Universitário cuja criação se reporta exclusivamente à Universidade de Lourenço Marques.

Este "organismo" universitário - cuja integração na estrutura do Ensino Superior foi já largamente contestada e apoiada - visa debruçar-se atentamente sobre os graves problemas do Ensino em Moçambique e talvez seja de evidenciar o compromisso assumido pelo Sr. Reitor, Prof. Veiga Simão, no sentido de serem executadas as deliberações tomadas no decorrer das Sessões do Conselho Consultivo.

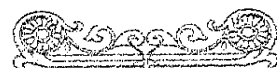
Ainda durante esta primeira reunião de todos os membros do Conselho Consultivo, decidiu-se que os estudantes presentes elaborariam um caderno contendo os assuntos mais prementes a apresentar, elaboração que será apoiada pela A.A.M., que funcionará, pois, como o órgão para onde convergirão as conclusões a que se chegar e que serão apresentadas conjuntamente pela A.A.M., por intermédio dum caderno comum. Esperemos que o carácter "consultivo" deste Conselho não seja mera figura de rectórica mas, outrossim, que ele venha a constituir um meio solutar para se auscultarem as dificuldades e anseios legítimos de todos os estudantes.



Foram oferecidas ao C.E.D.A. seis estatuetas Greco-Peninsulares, descobertas na Turquia do Sul, perto de Adana pelo ofertante Sr. Victor Manuel Cerejeira.

O seu estudo e classificação decorre neste Centro de Estudos.

Esta é uma das estatuetas agora propriedade do Centro de Estudos de Arqueologia.



# teatro

## ACTIVIDADES



O Teatro dos Estudantes Universitários de Coimbra (TEUM) é um organismo académico com fins artísticos e culturais que tem por finalidade impulsionar o Teatro Universitário e divulgar a cultura teatral defendendo o Teatro como arte e como instrumento.

Este grupo é constituído por todos os estudantes que estejam interessados em colaborar no sentido de que os objetivos atrás referidos sejam alcançados. Para tal, têm sido levadas a cabo diversas realizações como sejam encenações de peças na sala da casa, organização de conferências e palestras, divulgação de obras de teatro, etc...

No ano lectivo que decorre, e ao contrário do que tem sucedido nos anos anteriores, o Grupo pode contar seguramente com um certo número de realizações, dado que se encontra junto de nós um profissional de teatro que tem como função exclusiva orientar artisticamente o Grupo.

Assim, e aproveitando esta possibilidade, decorrerá actualmente os ensaios de uma peça de teatro "Hincapié sobre mais?" da autoria de um jovem dramaturgo português Carlos Manuel Rodrigues, sob a direcção do citado profissional de teatro, Carlos Calves, o qual se formou recentemente em "drama" e encenação na Escola Superior de Teatro de Strasbourg. A peça deverá ser levada à casa em meados do mês de Março.

Concomitantemente, o TEUM dedica-se às seguintes actividades:

**BIBLIOTECA:** todos os estudantes poderão requisitar livros e revistas de teatro na biblioteca, a qual possui cerca de 200 obras. Funciona todas as tardes dos dias úteis.

**BOLETIM:** Publica-se regularmente "O Boletim do TEUM". É uma publicação de carácter não periódico que se destina a informar os estudantes acerca das actividades teatrais e a divulgar o teatro.

**CICLO DE FILMES FILMADO:** durante o mês de Janeiro terá início o III Ciclo de Teatro Filmado. Na primeira sessão será projectado o filme da peça "Tartuffe" de Molière.

Nos 70 elementos do TEUM, encontram-se actualmente em actividade cerca de 15; no entanto, o TEUM continua a admitir todos os estudantes que estejam interessados em colaborar. Para tal deverão contactar o presidente directivo.



# é preciso . . .

É preciso avisar toda a gente  
 Dar notícia informar prevenir  
 Que por cada flor estrangulada  
 Há milhões de sementes a florir

É preciso avisar toda a gente  
 Segredar a palavra e a senha  
 Engrossando a verdade corrente  
 Da força que nada detenha

É preciso avisar toda a gente  
 Que há fogo no meio da floresta  
 E que os mortos apontam em frente  
 O caminho da esperança que resta

É preciso avisar toda a gente  
 Transmitindo este morse de dores  
 É preciso imperioso e urgente  
 Mais flores mais flores mais flores

P  
O  
E  
S  
I  
A

UNIVERSITÁRIA

Índice

( Continuação da 1ª. pág.)

Muitos deles preocupam-se mais com o seu estatuto-de-funcionário-obediente e servil do que com o seu estatuto pedagógico de professor e moral de homens dignos. Mais do que ensinar e dar exemplos de humanidade e justiça, de dignidade e coragem, preocupa-os o zelo pelo cumprimento de ordens em defesa de um lugar que os prestigie mas que eles não prestigiam. Dentro da nossa casa de trabalho são uma espécie de capatazes ou sargentos mais interessados em agradar a maus patrões e maus oficiais do que em defender, corajosamente, os interesses e o bem-estar dos homens pelos quais são responsáveis.

-O Reitor da Universidade e os Directores de Faculdade não são escolhidos pela Universidade e a sua escolha é estranho, uma vez mais o voto dos estudantes. Eles são, pura e simplesmente, de nomeação governamental. Daí que, para não perderem o emprego, estas autoridades académicas sejam, por dever de obediência, autoridades governamentais e não académicas. Daí que estas autoridades não representem nem defendam o interesse dos professores e dos estudantes. Elas são, antes, uma espécie de maus chefes de serviço, sempre interessados no cumprimento do dever de agradar a quem lhes paga e, jamais, interessados no cumprimento do dever de satisfazer as reivindicações legítimas e justas, dos que deles dependem. Para elas há sempre a ameaça do cesto de papéis, do processo disciplinar da expulsão, da denúncia e entrega à polícia.

-O ensino que nos ministram é apenas o que convém ao Governo, é apenas o que pode contribuir para a manutenção da policia que favorece as posições privilegiadas adquiridas. Com tal objectivo se elaboram programas que suprimem a liberdade de ensinar e aprender, a liberdade de crítica, de análise e de investigação pessoal. Com tal objectivo se recorre à expulsão dos professores que, ao cumprimento do dever sem honra de funcionários servis, preferem o dever honrado da liberdade científica, da liberdade de servir, apenas, a verdade. Com tal objectivo se recorre, se necessário, ao emprego de forças policiais. A Universidade de autonomia, que devia ser para bom desempenho da sua missão, transforma-se num Quartel onde as sentinelas da repressão defendem a "propaganda da verdade" que serve o Governo. E mesmo este ensino- oficial- policiado- conveniente é mal ensinado. Quem nos lê já teve oportunidade de verificar como das fábricas aparecem mal preparados os novos engenheiros, como nos hospitais aparecem mal preparados os novos médicos, como nos liceus aparecem mal preparados os novos professores, como nos tribunais aparecem mal preparados os novos advogados. Eles conhecem de memória o livro já antiquado e deficiente do mestre mas ignoram todo o mundo novo da vida prática em que se iniciam.

-A maior parte das nossas escolas e seus instrumentos de trabalho são antiquados e inadaptados às exigências do ensino moderno, prejudicando o rendimento de professores e alunos. E isto não é resultado da "propaganda da pobreza" de Portugal mas sim de desperdício e má utilização dos dinheiros públicos. Basta pensar, por exemplo, que o Governo prefere gastar o dinheiro dos contribuintes mais com as forças militares e para-militares ( e tantas são..., Exército, Marinha, Aeronáutica, Paraquedistas, Polícia Aérea, Comandos, Fusileiros Navais, Polícia Militar, Reserva Naval, Polícia de Segurança Pública, Polícia de Choque, Polícia do Costumes, Polícia Judiciária, Guarda Nacional Republicana, Guarda Fiscal, Polícia de Viação e Trânsito, Legionários, Mocidade Portuguesa, P.I.D.E. e denunciadores) do que com as

forças sociais em que, verdadeiramente, pode assentar o progresso de Portugal.

Por tudo isto, e isto é apenas uma parcela do muito que está mal, os estudantes costumam dizer que lutam por um Insino Novo, que lutam por uma Nova Universidade."

(Extraído dum comunicado dos Estudantes da Universidade de Coimbra a propósito dos acontecimentos de Abril de 1969).

Poder-se-ia dizer, grosso modo, que dentro da Universidade actuam basicamente dois grupos de pressão - os que pretendem uma instituição dinâmica ajustada às condições de tempo e lugar em que se insere (estes são os progressistas) e os que se opõem a toda e qualquer modificação por se sentirem ameaçados por esta (estes são os reaccionários).

O grupo progressista é constituído pelos estudantes e professores para quem a Universidade tem de ser um organismo com um papel a desempenhar na sociedade, no sentido de que, em conjunto com as outras forças progressistas, contribuir para a tornar mais justa, mais livre, mais humana. Quem são concretamente estes elementos? Os professores que não fogem ao diálogo dos seus alunos; não monopolizam a verdade, mas antes pelo contrário, aceitam e discutem as críticas e sugestões que lhes são feitas; os que como Homens participam e apoiam os que pretendem analisar a sociedade em que vivem como primeiro passo para uma actuação real e frutífera. No que diz respeito aos estudantes aqueles que participam na vida Universitária (associações académicas e outras organizações estudantis ou universitárias), não se limitando ao "empinango" cego dos textos, e basicamente dos que em conjunção com os professores pretendam desenvolver uma acção dinamizadora pondo os seus conhecimentos técnicos e a sua cultura ao serviço da sociedade.

A este grupo opõe-se o outro - o dos reaccionários (pois que reagem à actuação dos elementos progressistas). Perguntamos - oposição porquê?

Os motivos serão variados mas não podemos deixar de acreditar que os interesses (motivo fundamental das acções humanas) se identificam com a situação (errada) situação actual da Universidade. Defende-se portanto situações de vantagens adquiridas, ou em vias de adquirir, opondo-se a tudo o que possa dinamizar o sistema, pondo em causa essa situação.

Este é, a nosso ver, as forças em jogo da Universidade Portuguesa actual.

Nesta altura, em que o Prof. Veiga Simão, passa a ocupar o duro cargo de Ministro da Educação Nacional quais são as possibilidades de de facto se criar a Universidade Nova, que todos desejamos?

Quais as coordenadas necessárias a essa Universidade?

Quais as alterações básicas preconizadas, previamente, pelo actual Ministro?

Procuraremos analisar esta questão no próximo nº. de "O DIÁLOGO".

Zonas ilegíveis:

Página 4, coluna de esquerda, por baixo da cópia da caixa de jornal:

Em comunicado distribuído no dia 12, a Direcção Geral d A.A.M. discrimina os objectivos da viagem do colega Luís Alfaro Cardoso:

“1º - Apoiar a nomeação do Prof. Veiga Simão para Ministro da Educação Nacional, estar presente no respectivo acto de posse e nele, se possível, deixar bem manifesto o desejo de todos os estudantes em ver resolvidos, à luz clara do entendimento alicerça-do no diálogo autêntico...”

Página 10

“Secção Pedagógica

Continuando a nossa actividade e seguindo as vias que escolhemos para atingirmos os nossos fins, tem mantido esta secção uma série de reuniões com os Delegados de Curso, nomeadamente os de Engenharia, Agronomia e Letras, embora as férias de Natal tenham dado origem a uma ligeira pausa nos trabalhos em curso.

Os cursos no âmbito dos assuntos Pedagógicos têm dedicado uma especial atenção a dois problemas que os afligem, dadas as suas características, de sobretudo : fontes (textos?) de estudo ao alcance de todos os colegas e critérios de aproveitamento seguidos pelos professores. Num e noutro caso foram apontadas várias soluções, sendo de salientar a real necessidade de o professor pôr à disposição do aluno as lições escritas, do devido fornecimento de “livros-base” nas bibliotecas da ULM; da necessidade de pontos eliminatórios de matéria nas cadeiras anuais, ao longo do ano lectivo, como se tem vindo a fazer nos três últimos anos de Engª Civil, repudiando simultaneamente o sistema de pontos eliminatórios de exame e de pontos sem aviso.

Estas resoluções foram distribuídas já pelos colegas em “Informação Pedagógica”.

Os delegados tencionam ainda promover ciclos de conferências e cinema sobre os respectivos cursos, nos moldes em que um grupo de estudantes de Medicina está a levar a efeito naquela Faculdade

Foi ainda elaborado pelos Delegados de Curso um projecto de Estatutos do Conselho Pedagógico que se destina a regular o funcionamento daquele órgão.”

Página 12

“O Teatro dos Estudantes Universitários de Moçambique (TEUM) é um organismo académico com fins artísticos que tem por finalidade impulsionar o Teatro Universitário e divulgar a cultura teatral defendendo o Teatro como arte e como linguagem.

Este grupo é constituído por todos os estudantes que estejam interessados em colaborar no sentido de que os objectivos atrás definidos sejam alcançados. Para tal, têm sido levados a cabo diversas realizações como sejam encenação de peças para levar à cena, organização de conferências e palestras, divulgação de obras de teatro, etc...

No ano lectivo que decorre, e ao contrário do que tem sucedido nos anos anteriores, o Grupo pode contar seguramente com um certo número de realizações, dado que se encontra junto a nós um profissional de teatro que tem como função exclusiva orientar artisticamente o Grupo.

Assim, e aproveitando esta possibilidade, decorrem actualmente os ensaios de uma peça de Teatro “Ninguém joga mais?” da autoria de um jovem dramaturgo português Carlos Manuel Rodrigues, sob direcção do citado profissional de teatro. Carlos Cabral o qual se formou recentemente em “régie” e encenação na Escola Superior de Teatro de Strasbourg. A peça deverá ser levada À cena em meados do mês de Março.

Concomitantemente, o TEUM dedica-se às seguintes actividades:

**BIBLIOTECA:** todos os estudantes poderão requisitar livros e revistas de teatro na biblioteca, a qual possui cerca de 200 obras. Funciona todas as tardes dos dias úteis.

**BOLETIM:** Publica-se regularmente “O Boletim do TEUM” É uma publicação de carácter não periódico que se destina a informar os estudantes acerca das actividades teatrais a a divulgar o teatro.

**CICLO DE TEATRO FILMADO:** durante o mês de Janeiro terá início o III Ciclo de Teatro Filmado. Na primeira sessão será projectado o filme da peça “Tartuffe” de Molière

Dos 70 elementos do TEUM, encontram-se actualmente em actividade cerca de 45; no entanto, o TEUM continua a admitir todos os estudantes que estejam interessados em colaborar. Para tal deverão contactar a respectiva Direcção”



# o diálogo

## a universidade piloto...

### ENCALHOU?!

Passados cerca de mês e meio após a saída do antigo reitor e actual Ministro da Educação Nacional, Prof. Veiga Simão, a Universidade de Lourenço Marques - anteriormente proclamada UNIVERSIDADE PILOTO - encalhou.

Alguns aspectos duma situação de crise:

- A apregoada participação estudantil na gestão universitária está a ser conduzida para o campo das sugestões aceitáveis. Com efeito, e para quem o ainda não sabia, le-se na acta da 2ª. reunião do Conselho Consultivo de 26-2-70.



"Os Grupos de Trabalho não têm carácter deliberativo em si, devendo contudo o director do Curso, presente, procurar executar as decisões neles tomadas, e informar, nas reuniões seguintes, do andamento ou impedimento das soluções preconizadas".

Não nos parece que ao destituir de carácter deliberativo os órgãos em que participam os estudantes, se esteja, quer a contribuir para a sua responsabilização na gestão universitária, quer ainda, e muito menos, para a prova de novas formas para a

(Cont. na Pág. 13)

Continua

## A PROPOSITO DE UM EDITORIAL

Tem significado o ACAU para nós, na A.A.M. como uma organização que até certo ponto complementa a acção da Associação, devido ao carácter religioso do primeiro, face à necessária arreligiosidade da segunda. Temos visto em vigor no ACAU certos princípios de acção semelhantes aos nossos, o que nos tem permitido classificar aquela organização e a A.A.M. como afins.

Por esta razão foi com desagradável espanto que ao lermos o editorial do último boletim do ACAU, o BIDUC, deparámos com uma série de incoerências, desconhecimentos de causa e até incorrecção de termos referentes ao movimento recentemente organizado pela A.A.M. aquando da estadia do MEN em Lourenço Marques.

1º. Dizemos desconhecimento de causa, pelo modo leviano com que o autor daquele editorial pôs em dúvida o estado de consciencialização dos que acompanharam aquele movimento apoiando slogans que transmitiam, sinceramente, algumas das principais ansias dos estudantes locais relativamente ao progresso do ensino entre nós.

De facto, haverá algum estudante universitário manifestante que desoche a razão e o significado da necessidade de uma "democratização do ensino", do que quer dizer o "ensino é um direito do povo"? - Pôr em dúvida este estado de mentalização académica, tão primário é negar dois dedos de racionalidade que tenham os estudantes. Comparar o espírito de quem apoia os slogans em questão com o de um propagandista que apregoa os seus produtos "beba isto", "fume aquilo" é pura e simplesmente uma desconsideração.

2º. Existe também naquele texto uma incoerência digna de nota: inicia-o o autor afirmando a necessidade de uma democratização do ensino para mais tarde perguntar que se estamos cónscios do significado do que afirmamos, porque "perdemo-nos como grafonolas ambulantes cacarejando a necessidade de uma democratização", partindo do princípio de que os manifestantes não se animam "por tarefas de consciencialização da comunidade universitária para as responsabilidades que sobre todos e a cada impedem". Muito gostaríamos de saber o que entende o autor por este tipo de consciencialização, que meios de acção preconiza no sentido de a atingir, o que já fez por ela e que conhecimento tem dos esforços feitos pela A.A.M. com o intuito de a conseguir.

É certo que existe a indesejável camada de egoístas adeptos da paz por onde a que se refere o autor do editorial, mas esses precisamente pelos objectivos que têm, não se identificando connosco não nos acompanham em manifestações do tipo em questão, para evitarem certas situações de compromisso. Aliás, rapidamente os denunciariamos.

Não sabemos como se situa o autor face ao problema que levanta quando pergunta "ainda temos coragem face a este espelho de pronunciar tais slogans ou de inscrevê-los em cartaz?"

A nossa resposta face a esta interrogação é clara e concisa: enquanto por acções e palavras nos for permitido expressar os nossos pensamentos e ansias seja de que modo for, fa-lo-emos, na certeza de que não cairemos em retóricas alheadas de trabalho no sentido de concretizarmos os nossos idealismos.

Não queremos que o ACAU se identifique com o pensamento explícito no editorial do BIDUC nº. 6. Não acreditamos pelo que conhecemos do ACAU, pela comunhão de princípios que se alegam existir entre a A.A.M. e aquela organização que sempre considerámos como válida. Julgamos ter deparado com um acidente que deturpou a expressão ideológica do ACAU, pois que doutro modo seríamos obrigados a fazer uma revisão de relações existentes entre a A.A.M. e o ACAU no sentido de definirmos posições face ao movimento que a Associação Académica promove e mantém: renovação consciente e constante de ideias, conceitos e pensamentos.

Índice

# A CARTA DE **GRENOBLE**

Numa altura em que mais e mais o movimento associativo estudantil português, em consequência da já longa luta de sobrevivência que tem tido que travar e das vitórias que alcançado, está exigindo para si próprio o esforço e estruturação teórica e prática que o afirmem definitivamente na sociedade portuguesa como a força representativa do grupo de vanguarda da nação (os estudantes), é extremamente importante divulgar este texto que no essencial representa ainda hoje a declaração de princípios do Sindicalismo Estudantil.

Nascido no congresso de Abril de 1946 da União Nacional dos Estudantes Franceses, logo após a derrota do fascismo e quando mais intensamente os princípios democráticos inspiraram a vida dos povos europeus, o documento é tido como uma verdadeira "carta do estudante", e base teórica fundamental da sua específica forma de sindicalismo.

Aqui se define o estudante como jovem trabalhador intelectual com a dupla preocupação de o integrar na nação, fixando-lhe um estatuto, e de ligar o movimento sindical a uma história, a dos anos da Resistência considerada como foco de renovação.

A linguagem é a de todos os períodos revolucionários e por isso talvez por vezes demasiado enfático e fora de moda. Mas as ideias continuam válidas e é isso que nos interessa na procura que andamos do estatuto que nos defina.

## CARTA DE GRENOBLE

### PREAMBULO

Os representantes dos estudantes franceses, legalmente reunidos em congresso nacional em Grenoble em 24 de Abril de 1946, conscientes do valor histórico da época,

em que a União Francesa elabora a nova declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão,

em que se edifica o Estatuto pacífico das Nações,

em que o mundo do trabalho e da juventude lança as bases duma revolução económica e social ao serviço do homem,

afirmam a sua vontade de participar no esforço unânime de reconstrução;

(Continua na Pág. 4)

fiéis aos objectivos tradicionais prosseguidos pela juventude estudantil francesa quando esta se encontrava na mais alta consciência da sua missão, fiéis ao exemplo dos melhores de entre nós, mortos pela luta do povo francês pela sua liberdade,

constatando o carácter caduco das instituições que os regem, declaram querer colocar-se, como tantas vezes o fizeram ao longo da nossa História, na vanguarda da juventude francesa, definindo livremente como bases das suas tarefas e reivindicações, os princípios seguintes:

Art. 1. O estudante é um joven trabalhador intelectual.

DIREITOS E DEVERES DO ESTUDANTE COMO JOVEM:

Art. 2. Como jovem o estudante tem direito a uma previdência social particular, nos domínios físico, intelectual e moral.

Art. 3. Como jovem o estudante tem o dever de se integrar no conjunto da juventude mundial e nacional.

DIREITOS E DEVERES DO ESTUDANTE COMO TRABALHADOR:

Art. 4. Como trabalhador o estudante tem direito ao trabalho e ao repouso nas melhores condições e dentro da independência material, tanto pessoal como social, garantidas pelo livre exercício dos direitos sindicais.

Art. 5. Como trabalhador o estudante tem o dever de adquirir a melhor competência técnica.

DIREITOS E DEVERES DO ESTUDANTE COMO INTELECTUAL:

Art. 6. Como intelectual o estudante tem direito à procura da verdade e à liberdade que lhe é condição primeira.

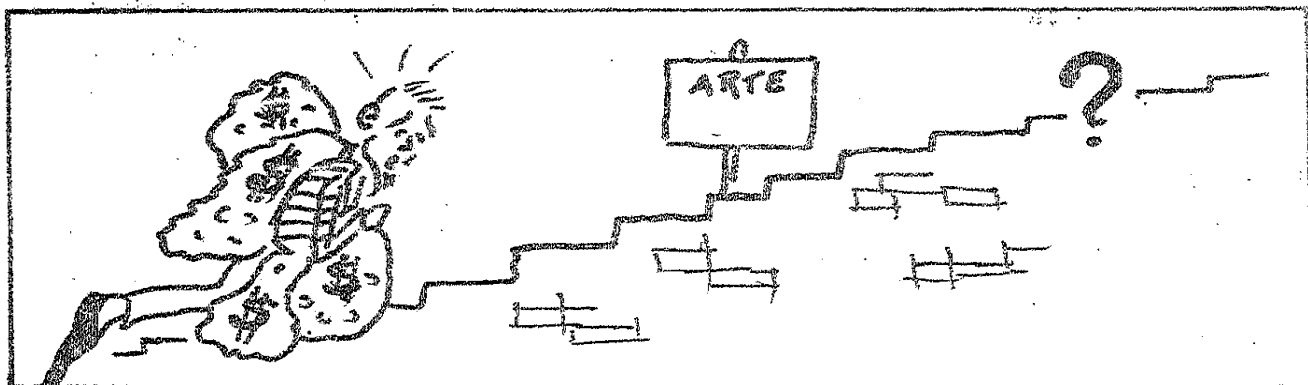
Art. 7. Como intelectual o estudante tem o dever:

- de definir, propagar e defender a verdade, o que implica o dever de fazer partilhar e progredir a cultura e de apurar o sentido da História,
- de defender a liberdade contra toda a opressão, o que, para o intelectual, constitui a missão mais sagrada.

Indice

escreve para  
'o diálogo'





# A NECESSIDADE

## DO CINEMA

Só poderá ter interesse levantar este problema - na medida em que esta consideração nos pode levar a outras questões fundamentais, por exemplo o cinema como indústria, e o cinema como forma artística de comunicação entre os homens.

I - A indústria cinematográfica rege-se pelas mesmas leis das indústrias de vestuário ou de frigoríficos: há uma fábrica montada para produzir algo, e esse algo deve ser de tal maneira que se venda bem, de forma a dar lucros aos operários, e sobre tudo (evidentemente!) aos patrões. Dessa forma surgem os filmes dirigidos ao gosto do público, isto é, ao gosto não cultivado do grande público. A Elisabeth Taylor ou o Anthony Quinn entram em filmes não exactamente por serem bons actores, mas acima de tudo por garantirem a boa venda do filme em que participam. Conclusão: o filme é uma mercadoria, um espectáculo fácil e apenas divertido, próprio para ser consumido pelas grandes massas de população e

depois esquecido.

Dele não se pode esperar capacidade criadora, inventiva, e dele só há a esperar diversão inconsequente, ausência de comunicação propriamente "artística". Esse cinema não enriquece o Homem - antes o reduz a simples consumidor de produtos fabricados em série e dirigidos ao instinto e à alienação, quer dizer uma perda da sua qualidade de homens.

II - A arte do cinema só pode existir numa estrutura independente de produção. Em Nova Iorque fundou-se uma Cooperativa de Cineastas que produz e distribui directamente os filmes sem intuídos lucrativos, e assim se desenvolveu o movimento do Novo Cinema Americano, afastado radicalmente de Hollywood e de suas fábricas de salsicharia cinematográficas. Em todo o mundo, o cinema progressivo faz-se à margem das grandes empresas e dos grandes produtores. A arte não serve para enriquecer em ouro e prata, mas sim

(Continua na Pág. 6)

em comunicação entre os homens e em compreensão do mundo que nos cerca.

III - Evidentemente que esta distinção não pode ser considerada fixa, mas sim sujeita a variações. As grandes empresas podem produzir, e produzem filmes de alta qualidade - assim como o cinema independente pode não fazer apenas bom cinema. O que é verdade, sem nenhuma dúvida, é que é mais fácil encontrar autenticidade criadora isto é, bom cinema, fora das grandes empresas do que dentro delas.

IV - Mas detenhamo-nos agora num ponto, recordando também a distinção feita entre indústria e arte cinematográfica.

Diz-se que o mal do cinema em Portugal é a ausência de uma indústria, e que uma vez esta criada se tornaria possível a feitura de filmes representativos. E, evidentemente verdade que a existência de uma máquina produtora de filmes é importante, primeiro dá experiência aos homens que fazem cinema, segundo porque habitua o público aos filmes do seu país, e terceiro porque (pois claro) é mais um passo para a tão falada industrialização de que o progresso necessita.

Mas o verdadeiro mal do cinema Português (assim como de várias outras coisas) é a não existência de uma Escola de Cinema, e portanto a não existência de interesse da parte do governo na construção de uma verdadeira arte popular.

Diga-se de passagem que muito se está já a fazer embora por inicia-

tiva privada, para que o cinema se torne possível neste país, nomeadamente a Cooperativa de Cineastas em formação.

V - E depois?

O que é que os estudantes e suas Associações têm a ver com isto, e que é que têm feito?

Têm muito a ver com isto, ou não fossem estudantes e não fossem jovens, e as Associações só não têm feito mais porque não podem. Será assim, realmente?

Na A.A.M. existe uma Secção de Cinema, Círculo de Cinema 66, que desde que se fundou tem lutado com problemas básicos, mas que parece encaminhar-se sempre num sentido de divulgar o bom cinema e o interesse pela cultura cinematográfica. Em todas as Associações de Portugal secções paralelas se encarregam do mesmo trabalho. Mas grande pode ser o esforço, sem que as limitações por isso desapareçam. Torna-se necessário saber o que é um bom filme, e porquê. Saber porque é que "Django atira primeiro" é um mau filme de cow-boys, e porque "A Quadrilha Selvagem" é um bom filme de cow-boys. Este "saber porquê" este critério para a análise de uma obra, é que é a resultante de uma cultura cinematográfica, um interesse e um conhecimento de causa. A Secção de Cinema de cada Associação tem um papel importante nisso. Mas... a boa vontade só não chega. Todo o trabalho que há a fazer está dependente de um único ponto de partida: a criação de uma estrutura oficializada de aprendizagem de cinema, e o apoio à realização in-

Continua (Cont. na Pág. 10)

# A MULHER

## EDITORIAL

Só umas palavras a todos os futuros leitores desta página e em especial à rapariga universitária a quem é dedicada.

Apesar da mulher ser hoje em parte considerada em pé de igualdade ao homem, sobretudo em países de legislação mais avançada, luta ainda pela sua libertação de dependências de vária ordem. Ela aspira exercer uma função na sociedade em que vive, acompanhar o mundo actual, ter direito a uma profissão e a uma cultura. Não mais sentir-se menos útil mas tornar-se a companheira ideal do Homem.

Por toda a parte do mundo a mulher luta pela sua emancipação, estando os seus objectos a ser alcançados lenta mas progressivamente, fruto duma luta constante e sem descanso.

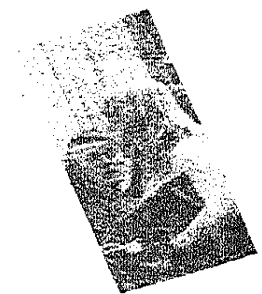
Apesar de doloroso reconhece-se que a mulher portuguesa não alinha na frente desta emancipação. São ainda a maioria as que nunca receberam qualquer espécie de instrução e que ainda vivem o mundo limitado das 4 paredes.

Cabe pois a nós universitárias, com as possibilidades que tivemos em ser portadoras de um elevado grau de instrução, lutarmos pelo anulamento deste desfazamento ainda longe de entre nós se extinguir.

Infelizmente, no nosso meio a rapariga universitária revela-se tímida, é destituída de poder de participação, não tem geralmente perspectivas para além da conversa dos vestidos, último desafio de basket o que se passou na última aula, etc. Isto reflecte-se nos campos culturais, pedagógicos, associativos e até desportivos.

A rapariga universitária está muito desproporcionalmente representada, aonde ela, ao lado do rapaz, tinha obrigação de expressar os seus ideais de estudante.

Ainda há dias assistimos a uma Assembleia Ge



na

**UNIVER  
SIDADE**

ral da nossa Associação em que se debateram assuntos de magno interesse a todos nós e em que se atingiram elevados climas de debate por parte de muitos colegas do sexo masculino, sem que se registasse intervenção do sexo feminino, com uma exceção.

Ao iniciarmos esta página é nosso desejo sincero contribuir para propagar entre nós estudantes, a ciência, cultura, a arte, o diálogo, a camaradagem acadêmica, etc., e como tal aceitamos toda e qualquer ajuda da vossa parte. Escrevam-nos a dizer a vossa opinião sobre este 1º. número, sugiram assuntos de interesse a focar, mandem-nos algo escrito por vós, colaborem, para que possamos manter esta página ao nível que a universitária exige.

Basta endereçarem para página da Rapariga Universitária. Secção Pedagógica - A.A.M.

## ISADORA DUNCAN

### E A SUA DANÇA

Índice

Hoje conversamos um pouco sobre a figura de uma bailarina mundialmente reconhecida como criadora das bases do ballet moderno. Nos próximos números está no nosso rumo dizer algo sobre "Ballet e Ritmo", "Técnica do Ballet", "A Dança nas escolas", etc.

Cedo começou a revelar a sua paixão pela dança, e apesar de garota, ela troçava já dos métodos adoptados pelas professoras da época. Ela via a dança de uma maneira diferente.

Certo dia foi levada a um famoso mestre de "Ballet", mas aquelas lições não a satisfaziam, e o seu sentimento de revolta ia aos poucos tomando volume. Durante uma aula o Mestre obrigou-a a praticar certo exercício em pontas, e Isadora perguntou-lhe qual a razão do exercício em pontas. Porque a atitude da bailarina tem muito mais beleza, respondeu-lhe o Mestre. Antes pelo contrário, continuou Isadora, essa posição em pontas é absurda, feia, difícil e sobretudo contra a Natureza.

Discutiram ambos com calor expondo cada qual as suas opiniões e excusado será dizer que Isadora nunca mais lá voltou, alegando que a ginástica obrigatória de posições em pontas, pés esticados e joelhos para fora, lhe perturbavam os seus sonhos de Dança, uma Dança livre de posições forçadas, livre de toda a exigência de uma técnica que considerava penosa e absurda. A "sua" dança, para a qual sentia verdadeira paixão, não podia ser interpretada com sapatilhas, nem com indumentária complicada e muito menos sujeita a regras.

Obedecendo ao seu instinto e à sua inspiração, começou a dançar livremente.

#### CURSO DE FOTOGRAFIA

Acaba de ser satisfeito um remoto desejo cultural da Associação - promover um curso de fotografia para os muitos interessados desta arte. O curso está a ser dado por alguém muito competente e apaixonado por fotografia. Se o entusiasmo dos que têm acorrido continuar a registar-se, é nossa intenção tornar o curso teórico-prático e incluir nele pequenas saídas para fora para a aquisição de fotografias.

Contamos convosco universitários, mais uma vez, participando nesta modalidade cultural, para não deixar morrer estas e outras iniciativas que a ASSOCIAÇÃO põe ao nosso alcance.

APAREÇAM AS QUARTAS-FEIRAS,  
AS 08.30 HORAS!

Continua (Cont. na Pág. 10)

encasulados  
 nos ghettos de zinco e mataca  
 o riso subalimentado do menino  
 que conta as moedas de cobre  
 atiradas ao homem da concertina  
 em frente ao grande armazém estrangeiro

toca que toca  
 para quê ouvir  
 o menino tem graça  
 como ele sabe pedir

os capitais imobilizados rendem 4% ao ano

a incerteza é outra  
 a peste ameaça a cidade

guincham os ratos de pelo erigido  
 um longo e lúgubre guincho  
 cai-lhes do focinho sujo de sangue  
 uma baba espessa de séculos  
 que vomitam no rosto dos homens  
 nas longas noites de janeiro suicidas  
 quando a savana arde em desespero  
 e as pala-palas fogem aturdidas do bebedouro

bloqueada  
 a cidade de quarentena recolhe  
 obrigatoriamente às seis da tarde  
 e uma nova lei dita o pensamento dos homens

vês meu amor  
 temos os dedos de nicotina  
 nos primeiros alvares da madrugada  
 temos o olhar raiado de loucura  
 com o fumo a emoldurar-nos os rostos vincados  
 olha meu amor  
 fugimos das ciladas que o caçador  
 teu irmão  
 nos arma às ocultas

nos vãos das casas desabitadas  
 por entre os vagões do cais agora silenciado  
 somos os morfinómanos que  
 possuem o sexo de reserva  
 para o caso de faltar a droga no mercado

somos meu amor  
 uma metamorfose

Cipriano Justo

G  
H  
E  
T  
T  
O

# poesia

## universitária

Índice

(Cont. da Pág. 6)

dependente de filmes.

Quanto ao resto (a tal cultura), o que era bom é que todos os filmes passassem, integrais, nos nossos écrans - mas não passam. O que era bom era que houvesse gente e dinheiro para a Secção de Cinema poder fazer um trabalho significativo. - Não há razão para desânimo - há razão, sim, para uma tomada de consciência dos problemas e da necessidade de os resolver.

Cabral Martins

ISADORA...

(Cont. da Pág. 8)

Arrastou consigo toda a família para Nova Iorque e Chicago onde passaram, uma vida muito dura.

Depois destas primeiras aventuras, resolveu embarcar num barco miserável para a Europa, chegando a Londres com a família, sem dinheiro nenhum, onde todos passaram as maiores privações.

A sua ânsia de contactos com a civilização e arte europeias, era desmedida. Uma vez ali, não parava com visitas a todos os museus. Na Grécia apreciava todos os monumentos e estudava a estátua antiga, inspirando-se nas figuras ali representadas.

Isadora convenceu-se de que podia reformar as leis académicas com as suas improvisações acompanhadas de música clássica.

A "sua" dança era demasiadamente pobre de movimento, monótona por vezes, e carecia de bases.

Convidada a visitar as grandes cidades do mundo civilizado, o seu nome ia ganhando fama e a "sua dança livre", muito apreciada, mas muito discutida também.

Algun público menos severo daquele tempo, aplaudiam-na, delirantemente cobrindo-a de louros, enquanto que outro definia a "sua dança livre" por uma dança instintiva e que o "Duncanismo", acabaria por perder-se com o tempo como se de uma "moda" se tratasse.

Isadora Duncan foi uma apaixonada da Natureza. O movimento das nuvens, o ondular do mar, o vento fascinava-a, chegando a dizer-se que quase hipnotizava o público hipnotizando-se a si própria com esta fascinação.

Fundou várias escolas ao sabor dos seus caprichos e as suas filhas adoptivas, foram as continuadoras da sua arte, mas o "Duncanismo" triunfante de 1921 foi aos poucos passando, deixando apenas a lembrança de uma ingénua expressão artística.

Isadora Duncan, morreu em Nice, em 1927, estrangulada pela sua própria "écharpe" que trazia presa ao pescoço e que se enrolou na roda do automóvel aberto onde passeava à beira mar, aquele mar que tanto a fascinou, foi testemunha do fim brutal da sua morte.

Lubélia Stikini

#### DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS..... (continuação da pág. 12)

Índice

aspirações mais sentidas das massas estudantis, encabeçando as suas reivindicações mais imediatas e conquistando-as para reivindicações mais gerais.

5) Igualmente no que respeita à Abertura à Nação, entende que esta deve ser desenvolvida, na fase actual, por um lado, através da análise crítica dos problemas gerais da Sociedade Portuguesa, com prioridade para aqueles que mais directamente a ligam à problemática sindical do movimento estudantil, e, por outro, através do contacto directo com a população dentro duma linha de continuidade.

6) Para a prossecução dos objectivos anteriores o Movimento Associativo necessita de impor a sua definitiva consagração como movimento de massas, quer através da participação constante do estudante anónimo, quer duma total democratização de estruturas para-associativas que sejam expressão duma democracia das massas estudantis.

#### APENDICE

O M.A. reconhece aplicáveis ao Ensino Secundário, Médio e Superior não universitário os princípios gerais que reivindica para a Universidade Portuguesa, tornando-se-lhes, portanto, extensivo o conteúdo da presente Declaração.

# DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

## MOVIMENTO ASSOCIATIVO

## PORTUGUÊS

Dada a enorme responsabilidade que hoje e sempre recai nas classes estudantis face às Nações e aos territórios em que se inserem, importa procurar estruturas e meios que possibilitem a congregação à sua volta de todos os estudantes, participando activa e responsávelmente na vida das instituições.

O Sindicalismo estudantil é um tema que larga polémica tem suscitado, quer nos meios estudantis, quer nos governamentais, de vários países. Entre nós, o problema foi recentemente levantado quando do colóquio realizado na A.A.M., com a presença do Prof. Veiga Simão.

Por tal motivo e por julgarmos de interesse o seu conhecimento transcrevemos a seguir a "Declaração de Princípios do Movimento Associativo" editado pelo Secretariado Coordenador da Informação e Propaganda das Associações de Estudantes de Lisboa.

Os estudantes portugueses declaram perante a Universidade, perante a Nação portuguesa e perante a comunidade internacional dos estudantes que prosseguem a via de um sindicalismo estudantil como a mais adequada à sua etapa histórica e às necessidades mais profundas da vida nacional.

### I

Portanto como movimento sindical, o Movimento Associativo Português defende como princípios gerais:

1) A neutralidade política e religiosa, entendendo-as não como indiferença perante os problemas nacionais e internacionais, mas como única base correcta para a unidade integradora de todos os estudantes, quaisquer que sejam as suas concepções políticas ou religiosas. Nesta base, o Movimento Associativo, como movimento sindical, ficará livre de assumir todas as atitudes políticas e religiosas que os seus membros democraticamente o venham a exigir, ressaltando, porém, como limite na fase actual, a defesa da legislação do próprio M.A.

2) A unicidade e representatividade, isto é, que os interesses dos estudantes apenas podem ser defendidos por uma Associação unitária que represente os interesses de todos os estudantes e não apenas sócios das AAEE.

3) Democraticidade, que assegura a eleição de todos os cargos dirigentes, que implica a participação activa de todos os estudantes na vida associativa, que dá efectiva extensão de poder deliberativo a todos os estudantes, que controlem todas as funções de direcção por parte de todos os estudantes.

### II

Como Movimento Sindical o Movimento Associativo Português reivindica como metas finais da sua actual fase histórica os seguintes objectivos:

1) A democratização do ensino

2) A reforma global do ensino de que a democratização é a primeira condição, porquanto sendo a Universidade Portuguesa uma universidade de classe deve um sindicalismo estudantil modificar o conteúdo e a intenção do ensino ao serviço dessa finalidade de classe.

3) O fim da atomização do trabalho e a reabilitação do seu carácter colectivo.

4) O reconhecimento do estudante como produtor de trabalho remunerável.

5) A Universidade considerada como um investimento intelectual que se traz em termos económicos de produção para a Nação. Esta definição tem como corolário o direito de controle de professores e estudantes sobre a sua própria produção, ou seja o controle da aplicação social do conhecimento e da ciência.

### III

Como Movimento Sindical, o Movimento Associativo Português para alcançar os seus objectivos finais defende como métodos de acção:

1) A Autonomia Universitária com resolução dos conflitos e problemas da Universidade por professores e alunos sem ingerência exterior, Autonomia Universitária que não é a defesa dos privilégios de classe mas dos interesses de toda a Nação, Autonomia Universitária com a participação estudantil na gestão de todos os órgãos universitários.

2) A autogestão como único método correcto de gerir os interesses estudantis.

3) A promoção cultural dos estudantes dentro de uma problemática nacional constantemente projectada na comunidade internacional dos povos.

4) A luta pela melhoria das condições materiais de estudo, e garantia das condições de exercício profissional.

5) A criação de uma União Nacional de Estudantes e a integração na Comunidade Internacional dos Estudantes.

6) A defesa das liberdades fundamentais, da liberdade de associação e reunião, liberdade de imprensa, livre expressão de pensamento, aplicação de todas as garantias e direitos individuais consagrados na Constituição e na Declaração dos Direitos do Homem.

7) Como consequência dos princípios anteriores, o direito à greve académica ocupação das instalações universitárias e a manifestação como métodos reivindicativos de recurso, e bem assim a solidariedade com os professores organizados sindicalmente e com todos os organismos verdadeiramente representativos das classes trabalhadoras.

### IV

Como Movimento Sindical o Movimento Associativo reconhece a necessidade de ter uma estratégia definida, que possa congrega à sua volta todos os estudantes.

Assim:

1) Estabelece como objectivo estratégico a longo prazo a Reforma Geral do Ensino, e portanto a sua democratização total, de modo a permitir a todas as classes sociais, iguais possibilidades de acesso à Universidade e à Cultura. Considera também que a efectivação dessa Reforma Geral do Ensino colide com as estruturas sócio-económicas nacionais, e não poderá ser levada a cabo sem uma prévia democratização dessas estruturas.

2) Define como objectivo estratégico a médio prazo, a realização dum Congresso Nacional do Ensino a ser levado a cabo com o apoio activo dos professores, dos intelectuais e dos núcleos culturais mais avançados. O Congresso Nacional do Ensino deverá surgir como cúpula duma intensa Batalha Pedagógica desenvolvida ao nível da Universidade conjugada com uma produtiva actividade de Integração desta na Nação.

3) Afirma como objectivos a curto prazo a Abertura aos cursos e a Abertura à Nação.

4) Assim, e no sentido de uma abertura aos cursos, considera necessário dar prioridade à luta pedagógica, incentivando as realizações de curso, perspectivando as

Continua



(Cont. da Pág. 1)  
vida da Instituição.

O texto que cria o Conselho Consultivo e Grupos de Trabalho, da autoria da Reitoria da U.L.M., diz textualmente:

"Reconhece-se igualmente que pela cada vez maior responsabilidade que lhes cabe no rendimento de uma universidade, os estudantes não devem deixar de ser chamados a colaborar nos vários sectores da sua actividade; por isso uma renovação da estrutura de uma universidade não poderá esquecer a participação dos discentes, ao menos nos órgãos que nela orientam a sua vida pedagógica".

- Um retrocesso no diálogo professor-aluno. Constatamos, tristemente, que talvez pela inexistência de um Reitor, a uma fase de procura comum de soluções positivas para os nossos problemas, se está a suceder o retrocesso conducente a um esquema feudal - de partição dos cursos em zonas de influência de cada um dos respectivos senhores. Af, às promessas anteriormente feitas, (dispensas de exame em certas condições e em certas cadeiras, critérios de classificação mais justos e adaptados às contingências da nossa vida escolar, etc.) e que tinham criado em nós a esperança de ver solucionado alguns dos graves problemas que nos afectam segue-se a desilusão de ver que, essas alterações a serem feitas terão de vencer muitas e poderosas resistências.

- Mais uma vez ouvimos a par e passo serem levantados problemas referentes a questões de ordem legal. "Vocês sabem, eu gostaria de fazer isso, mas não é legal..." Ora, existe de facto uma contradição flagrante entre o que se espera de uma Universidade Piloto (experimental, portanto) e o limitarmo-nos a seguir à risca, e cheios de medo, a lei que ao fim e ao final não é mais do que a expressão da Universidade que segundo o próprio Prof. Veiga Simão "atingiu o ponto de rotura" isto é, o beco sem saída. Precisamos dum clima mais corajoso nas iniciativas a serem tomadas se as quisermos eficazes e realistas.

Não podemos também deixar de chamar a atenção para o contraste com o que se está a passar actualmente nalgumas das universidades metropolitanas:

- Os alunos do Instituto Superior Técnico de Lisboa estão representados através da sua Associação de Estudantes no Conselho Escolar - órgão de carácter deliberativo.

- Pretendem, para breve a inclusão de um estudante, como representante seu, nos júris de exame no intuito de os tornar mais objectivos.

- Alguns professores universitários participam actualmente em cursos de pedagogia com vista a aumentar a produtividade das aulas.

Parece-nos, perante isto, que a Universidade Piloto encalhou na mediocridade (a das universidades metropolitanas anteriores a este período) donde só poderá sair quando dinamicamente se procurarem soluções reais para os nossos problemas.

Propomos que:

- 1º. - A participação estudantil passe a ser feita nos órgãos de carácter deliberativo da Universidade e em pé de igualdade com os restantes membros que actualmente os constituem.
- 2º. - Seja nomeado, urgentemente, o Prof. Luís Albuquerque como Reitor da Universidade de Lourenço Marques, medida absolutamente necessária para se sair da situação de impasse em que se caiu.
- 3º. - Discussão e aprovação em Assembleia Magna da Universidade de Lourenço Marques, com professores e alunos, das reformas a fazer, e em especial, do Estatuto da Universidade.

Após esta discussão deveriam entrar imediatamente em vigor as medidas que a Assembleia achasse mais urgentes e, enviar-se ao Ministério da Educação Nacional o texto das propostas de reforma.

A Universidade, num território sub-desenvolvido, é uma instituição priviligiada. Existe à custa dos milhões de contribuintes (pobres) que para ela pagam. Não devemos esquecer este facto.

Cada Universidade é aquilo que as pessoas que a formam (professores e alunos) querem que seja.

Consciencializa-te dos seus problemas. Contribui para o seu "desencalhe" discutindo-os e participando.

# RECENSEAMENTO ELEITORAL

Termina no dia 15 do corrente mes o prazo para entrega, na Administração do Concelho, do requerimento para a inscrição nos cadernos eleitorais. Este recenseamento destina-se às eleições para o Conselho Legislativo e para deputados à Assembleia Nacional.

Em virtude do alto significado cívico que estas eleições representam, a Associação Académica de Moçambique lembra a todos os estudantes que como cidadãos responsáveis não poderão deixar passar esta oportunidade de exercício dos direitos inerentes a todos os indivíduos.

O requerimento é feito em papel de 25 linhas, não levando selos, sendo o reconhecimento da assinatura facultado gratuitamente.

## MODELO DE REQUERIMENTO PARA O RECENSEAMENTO ELEITORAL

Exmo. Senhor Administrador do ..... Bairro do Concelho de  
Lourenço Marques

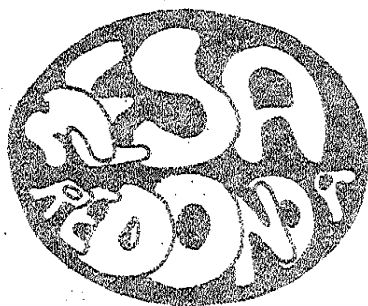
Nome completo, de .... anos de idade, estado, profissão....., com as habilitações literárias de ....., morador na Rua (ou Avenida)....., nº....., desejando inscrever-se nos cadernos de recenseamento eleitoral para Vogais do Conselho Legislativo e Deputados à Assembleia Nacional, respeitosamente requer a V. Exª. se digne determinar a sua inscrição nos referidos cadernos.

Espera Deferimento  
Lourenço Marques, .... de ..... de 1970

VOTA !!!

Índice

# o diálogo



## COGESTÃO UNIVERSITÁRIA

Participantes - Dr. Mora Ramos - Orientador do C. E. de Psicologia  
- Rui Gonzalez - 5º. ano de Engenharia  
- Dr. Antunes Cabrita - Assistente de Patologia Cirúrgica  
- Joaquim Barradas - 5º. ano de Medicina

Moderador - Cipriano Justo

A co-gestão universitária está na ordem do dia. Enfermando de uma doença crónica adquirida ao longo de dezenas de anos de imutabilidade, adquirindo vícios difíceis de suprimir, anquilosando as suas estruturas num ostracismo demente, a Universidade portuguesa procura, através dos seus mais lúcidos responsáveis, proceder à viragem por que há muito se vem clamando. Como se deve fazer essa viragem julgamos ser da responsabilidade de quem, pelo menos, está mais directamente interessado nela, ou seja: os corpos docente e discente, para não falar do grande interessado, que é o País.

Uma viragem na Universidade portuguesa implica necessariamente uma transformação democrática na sua forma e uma actualização dinâmica no seu conteúdo, isto é, uma inserção nas realidades sócio-económicas-políticas do território que se propõe servir. Preterindo uma das partes em favor da outra há o perigo de um hiperatrofiamento e, consequentemente, o fracasso da iniciativa.

Não é só com abolição de exames, actualização de períodos escolares e racionalização de horários que se modifica a estrutura de uma Universidade, é antes, e sobretudo, com a sua adesão às forças vitais em jogo. Não esquecendo, como é óbvio, as necessidades e urgências duma juventude que se quer consciente e dinâmica.



## I - CO-GESTÃO - SUA INTERPRETAÇÃO.

MORA RAMOS - Em muitos países do Mundo, especialmente nos latino-americanos, os estudantes estão representados nos órgãos de Direcção dos Estabelecimentos Superiores. A representação do corpo discente tem direito a voz e voto, quer em assuntos de organização quer de Administração.

Como nota curiosa, aponte-se que, tanto na Europa como nos Estados Unidos, onde este esquema não funciona, tem-se recorrido sobretudo à colaboração dos antigos alunos, cuja experiência recente da vida escolar e o contacto imediato com situações concretas no plano profissional oferecem condições óptimas de co-gestão, isto é, de participação válida na administração da actividade universitária.

Concretizando o que acabei de dizer, na maioria das Universidades, os Conselhos Universitários - ou Senados - reúnem, sob a presidência do Reitor, os responsáveis pela gestão directa dos Serviços de cada Faculdade, isto é, os seus directores e os representantes hierarquicamente mais qualificados. Ora bem: estes Conselhos têm funções normativas e deliberativas. Quer dizer: é através destes Conselhos que se exerce a gestão da Universidade em termos de autonomia.

Por outro lado existem também em cada Faculdade órgãos próprios, que se formam quer pelo conjunto - Conselhos Pedagógicos - dos seus professores, sob a presidência do Director ou do professor mais qualificado. Portanto, por um lado temos o Senado ou Conselho da Universidade e por outro lado temos os Conselhos das Faculdades.

Também estes conselhos exercem funções normativas e deliberativas ao nível da sua competência: aprovação de planos de curso, análise de programas, organização didáctica geral, etc.

Se tanto num como noutros destes Conselhos - desde o Senado ao Pedagógico - os estudantes estiverem representados e participarem efectivamente na apresentação, estudo e solução dos problemas que lhes dizem respeito, tendo em atenção não só a sua situação de estudante como a logicamente imediata, ou seja a sua inserção responsável na Sociedade adulta e na actividade profissional, estamos em efectiva presença de um exemplo de co-gestão.

RUI GONZALEZ - Há um ponto que me parece fundamental e que difere, talvez, um pouco na perspectiva com que o Dr. Mora Ra-

mos encara a Universidade, e que é basicamente este: encaro a Universidade como um organismo constituído por professores e alunos, necessariamente inserida no meio social e, portanto, submetido a uma série de pressões e influências das quais não se pode dissociar. Eu diria, por exemplo, que a Universidade devia ser uma Instituição Democrática, e como tal a co-gestão traduzir-se-ia num governo autónomo da Universidade, em que não só houvesse uma participação efectiva dos estudantes mas o reconhecimento de uma força traduzida na representatividade a nível dos órgãos de gestão. Isto acarretaria sérias vantagens porque por um lado iria revelar um grande número de indivíduos e por outro iria comprometer esses indivíduos com a Universidade, na medida em que da eficácia do seu trabalho se ressentiria a Instituição. A equação do problema desta maneira parece que corresponde às tentativas que se estão a fazer em outras Universidades, para se resolver esta situação.

Sob o ponto de vista económico e social não podemos deixar de focar este problema: uma Universidade serve actualmente, e para isso foi criada, uma determinada sociedade à qual fornece mão-de-obra qualificada. Ora este conceito esbarra completamente contra as aspirações dos estudantes, como é prova o que se está a passar no mundo. Portanto, há que alterar este conceito, há que dar à Universidade uma margem de movimentos mais ampla, isto é, uma estrutura verdadeiramente democrática. Julgo, portanto, que co-gestão só pode ser entendida como fórmula de uma verdadeira vida democrática, dentro da Universidade.

MORA RAMOS - Creio que de facto devo acrescentar alguma coisa ao que disse e responder à crítica que me foi dirigida, o que farei; nas respostas às questões que se seguem.

ANTUNES CABRITA - Penso que deve falar-se antes de co-gestão Universitária e sua justificação e não da sua interpretação. Ora a justificação penso que assenta na realidade de não existirem professores sem alunos mas poderem existir alunos sem professores. Professores e alunos devem principalmente constituir um binário em equilíbrio permanente. Este equilíbrio deve ser fruto de uma comunhão de objectivos e interesses.

JOAQUIM BARRADAS - Encaro a co-gestão, aliás, prefiro chamar-lhe gestão Universitária, como uma nova forma de administra-

ção universitária. O problema da gestão universitária. O problema da gestão universitária surgiu nesta altura porque os estudantes começaram a pôr em equação esse problema. Foram os estudantes, através das suas manifestações, dos estudos que fizeram acerca da Universidade e do meio social, do papel a desempenhar pela Universidade dentro desse meio, que foram, pode-se dizer, as autoridades governamentais e académicas a debruçarem-se sobre esta questão. Numas Universidades o problema foi bem recebido pelo corpo docente, mas de uma maneira geral pode-se dizer que não foi.

Na Universidade de Lourenço Marques estão a dar-se os primeiros passos no sentido da participação dos estudantes na gestão; são uns passos muito primários e ainda com pouca fecundidade, mas que permitirão de futuro um melhor entendimento entre professores e estudantes e entre Universidade e meio social.

Como o Dr. Antunes Cabrita afirmou, a gestão Universitária destina-se precisamente a tentar encontrar um equilíbrio de forças entre o corpo docente e discente.

## II - COMO DEVE SER ENCARADA A PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES NA CO-GESTÃO UNIVERSITÁRIA SEM UM PREVIO E AMPLO DEBATE SOBRE A UNIVERSIDADE PORTUGUESA.

MORA RAMOS - Nenhum debate sério sobre a Universidade - portuguesa ou não - pode substituir a importância da colaboração dos alunos na gestão universitária. E que essa colaboração, para além dos fins específicos que visa, é factor decisivo da formação do próprio estudante como adulto como pessoa humana, isto é como indivíduo que aprendeu a construir-se, a realizar-se, a mudar, a transformar-se, à custa de experiências pessoais, através do desempenho de papéis, na interacção com os

outros.

Esquecemo-nos, muitas vezes, desta verdade tão simples: a educação é, antes de mais, a qualquer nível, como afirma Gilbert Hillaret, um problema de relações.

A educação, que é sinónimo de saber gerante, realiza-se em função de uma finalidade e esta é, acima de tudo, fazer adultos, formar homens, e não fabricar diplomas.

A Universidade, que é fonte de cultura e, portanto, de formação, se quer ser do seu tempo, tem que praticar o que tão bem expressou Jean Rostand: "Ser verdadeiramente culto é ter já "l'avenir dans l'esprit".

A este propósito, o grupo francês d'Education Nouvelle, de que se salienta o duo Lanvegin - Wallon, afirmou recentemente:

"A Educação Nova deve voltar-se para o futuro e adoptar uma atitude de previsão, a fim de definir quanto possível o futuro para que deve preparar os jovens de hoje".

Num admirável e recente livro - Propos Actuels sur l'education - escreve, a este propósito, Ardoino:

"Actualmente existem duas correntes, uma mais axiomática, de reformas técnicas e tecnocráticas do ensino; outra, mais problemática, mais institucional, aberta à dinâmica do grupo e aos problemas de relações. As preferências dos psicólogos inclinam-se seguramente para esta última. Daí os métodos psicossociológicos - sobretudo a partir dos trabalhos de Carl Rogers nos domínios da psicoterapia e da orientação não directiva - visarem a comunicação, não em sentido único, do professor que transmite e os alunos que recebem, mas em todos os sentidos, levando o professor a adaptar-se ao grupo (seus alunos) e este ao professor.

As técnicas psicossociológicas utilizam em larga medida a discussão em grupo, quer no domínio da orientação didáctica, quer no dos próprios problemas de organização e administração, porque o que está em causa, repete-se, é a formação do estudante como pessoa, capaz de se responsabilizar pelo que faz, de enfrentar as dificuldades, de transpor os obstáculos,



de mudar, isto é, de crescer como pessoa, à custa de uma experiência pessoal na interacção com os outros.

É, pois, urgente preparar os contactos humanos na Universidade, quer entre discentes, quer entre docentes, quer na interacção docente-discente, o procurar, cada vez mais, que o saber deixe de ser transmitido, mas, sim, ganho, à custa de uma situação de trabalho e de experiência constante, na escola como na vida, e na escola porque na vida.

Daqui resulta que a problemática da relação professor-aluno, professor-grupo de alunos, da dinâmica dos grupos de estudantes de um curso ou cadeira busca soluções que conduzem ao desenvolvimento do sentido das responsabilidades, à adaptação à vida futura, tanto como a uma aprendizagem consciente.

Como escreveu Ardoino: Quereis, através dos vossos alunos, formar latinistas, biólogos, matemáticos, engenheiros ou homens? Ou as duas coisas?

Pretendeis preparar os homens de amanhã para uma sociedade de produção, de consumo, para um Universo burocrático? Ou quereis prepará-los para uma sociedade mais humana plena de mudanças surpreendentes, dando-lhes os meios de as controlar em lugar de serem conduzidos por não sei que determinismos?

RUI GONZALEZ - Não há dúvida nenhuma que me pareceria, aliás, como ainda há bem pouco tempo foi proposto pelos dirigentes das associações de estudantes portuguesas que teria de ser feito um amplo debate sobre a situação da Universidade em Portugal, suas finalidades, e a redificação, digamos, dos objectivos a alcançar, perante uma realidade concreta como é a de Portugal actualmente. Mas também não há dúvida nenhuma que dentro dos condicionamentos que nos cercam não podemos deixar escapar as oportunidades que surgem para imprimir uma certa dinâmica a sistemas que pecam pelo seu passivismo. Nesta medida, penso de uma forma democrática a própria dinâmica interna da Universidade começaria a consciencializar-se de um passado histórico que levaria consequentemente a uma redefinição das suas funções. Em síntese, parece-me que não devemos deixar escapar todas as oportunidades para acelerar a dinâmica da vida universitária.

CIPRIANO JUSTO - Achas que se não for feito esse debate sobre a Universidade portuguesa é falaciosa a entrada dos estudantes para os organismos de co-gestão universitária?

RUI GONZALEZ - Realmente consideraria ótimo esse debate a que te referes, mas, possuindo os organismos de co-gestão uma estrutura democrática, de futuro não se poderá fugir a um diálogo desse tipo.

ANTUNES CABRITA - Penso que um debate prévio não me parece ser necessário, porquanto devendo o objectivo da Universidade ser o estudo e realização das necessidades do país, e o estudo da prioridade dessas necessidades, a juventude Universitária é a camada mais sensível às necessidades actuais e futuras. A juventude actual, por outro lado, está hoje não só preocupada em sentir essas necessidades, mas também em agir.

JOAQUIM BARRADAS - Considerando o caso muito concreto da Universidade de Lourenço Marques estou absolutamente de acordo e até acho necessário esse debate, não necessariamente prévio, isto é: o debate pode ser feito concomitantemente com a gestão, aliás, a participação dos estudantes na gestão universitária é que vai permitir que esse debate se organize de uma forma mais dinâmica.

Acho que é altura de recordar, neste momento, a atitude que os estudantes franceses tomaram em relação a este problema: recusaram-se não só ao diálogo com as autoridades académicas como também com as autoridades governamentais. Há cerca de dois anos, quando eclodiu a crise estudantil francesa o governo fez todos os esforços para dialogar com os estudantes numa tentativa de criar uma situação de compromisso que, aliás, resultou com os sindicatos, confederação geral dos trabalhadores, etc., enfim, com os representantes dos operários. Ora, o estudante francês recusou sistematicamente este diálogo, alegando que, só o facto de aceitar essa situação de igualdade o levaria a encaixar-se na estrutura, na instituição que ele rejeitava e lhe não dava garantias de poder empreender a modificação e a renovação dos princípios orientadores da sua universidade.

É claro que o estudante de Lourenço Marques tem problemas específicos e sente necessidade de um diálogo constante. Acompanhámos, tanto quanto nos foi possível, o problema dos estudantes franceses, mas nunca pensamos importar acontecimentos do exterior. Analisámo-los, seguimo-los com atenção, pretendemos estudar a evolução dos acontecimentos, enfim, não sermos apanhados desprevenidos, mas também não importar problemas. Desta forma acho que é extraordinariamente importante o estabelecimento desse debate, dessa abertura de informação, dessa mais ampla troca de impres-

sões acerca de assuntos que irão permitir lançar nova luz sobre problemas que actualmente não temos consciência deles. Portanto, volto a acentuar que a gestão universitária subentende esse diálogo, subentende uma facilitação nos meios de comunicação, na chamada comunicação entre os seres humanos, e, neste caso, entre os alunos, entre os professores e entre alunos e professores. No que respeita ao estudante, ele já demonstrou que era capaz de participar numa empresa desta natureza, aliás, toda a sua actividade tem sido desenvolvida no sentido de se criarem estruturas desta natureza. O debate deve abrir-se a todos os níveis e deve abrir-se sem receio de que seja demasiado prematuro; este debate consistiria numa discussão, numa apresentação de problemas, numa renovação de conceitos.

Talvez não estejamos habituados a falar de um certo número de coisas; é facto que estamos condicionados por um determinado número de mitos, de tabus, de coisas de que é proibido falar, mas o debate não se destina a desvirtuar estruturas existentes, destina-se antes a renová-las, e a criar novos conceitos acerca das coisas.

A juventude, suponho, já demonstra suficientemente bem que há um certo

existência.

Tudo isto, creio eu, há-de permitir à Universidade formar homens mais responsáveis, mais capazes de enfrentar um futuro, de encarar uma situação que actualmente não é das melhores.

Mas ainda relacionado com esta questão, gostaria de perguntar ao Dr. Antunes Cabrita qual a razão que o leva a opor-se à existência de um debate, de uma abertura no sentido de se iniciar uma maior participação de todos os elementos da Universidade na gestão universitária.

ANTUNES CABRITA - Eu não apoio; acho que não é necessário que haja esse debate prévio para que a co-gestão funcione.

JOAQUIM BARRADAS - Realmente não acho que o debate tenha de ser necessariamente prévio; tenho, porém, a impressão que a questão se dirige mais a uma abertura, a uma eliminação de impedimentos que tenham existido até esta altura.

ANTUNES CABRITA - Julgo que na 4ª. questão a resposta será encontrada, porque o debate terá que ser realmente sobre o tema universitário em geral. E todos os outros assuntos são consequência desse debate.

### III - CO-GESTÃO - MODOS FACIENDI

MORA RAMOS - Creio já ter respondido a este assunto nas questões anteriormente postas. Penso, no entanto, e é possível que o pensamento nada tenha de original, nas vantagens que haveria na criação de um conselho de alunos, ou pequeno conselho, com a inserção nele de um professor experimentado na "dinâmica de grupo", destinado a preparar estudos que sejam examinados pelo Conselho da Faculdade, visando a problemática escolar e, para além desta, a relativa ao mercado de trabalho, às relações humanas no sector da profissão, à finalidade e amplitude social do curso es-

quando, que os adultos lhes apresentam, que não lhes agrada; a juventude pretende demonstrar, por exemplo, que não fica indiferente perante a existência de uma guerra no Vietnam ou no Médio Oriente, ou ainda em Biafra, guerras aqui, guerras ali, enfim, toda uma série de situações incompreensíveis, mas que o adulto encara, pelo menos aparentemente, de uma forma natural, considerando um acontecimento vulgar a sua





colhido, com base em estudos feitos no próprio terreno, etc.

Penso, também, que seria do maior interesse que alunos de diferentes cursos e de diferentes Faculdades participassem em reuniões adrede preparadas e das quais resultassem sugestões, trabalhos, iniciativas.

Em resumo: Tudo isto posto em prática haveria de concorrer para que, com a colaboração discente plena e total e a entrega, igualmente plena, dos seus docentes, a Universidade não fosse simples transmissora de saber - ainda que rigorosamente científico, ou do saber fazer - ainda que rigorosamente técnico - mas antes construtora do saber ser, porta avançada na conquista de uma juventude aberta para a maturidade, sem a qual o homem nada pode fazer, sem ser feliz.

RUI GONZALEZ - Julgo já me ter referido a este tema nas minhas respostas anteriores e a única coisa que gostaria de acrescentar é que se deveria entrar numa estrutura paritária docente-discente a todos os níveis e em todos os órgãos de gestão, podendo ser este o primeiro passo para um posterior alargamento dentro de um esquema de representatividade democrática.

ANTUNES CABRITA - Co-gestão e modus faciens são duas situações eminentemente dinâmicas pelo que me parece não ser possível estabelecer quadros definitivos sobre o assunto; penso que à medida que os problemas forem surgindo é que se podem ir resolvendo, adaptando-os da melhor maneira às realidades.

JOAQUIM BARRADAS - Em princípio estou perfeitamente de acordo com o Dr. Antunes Cabrita: não pode haver regras para a futura da gestão universitária. Aliás, se existissem elas teriam de partir de um número reduzido de elementos. Ora à medida que se for participando na gestão universitária, à medida que houver um melhor conhecimento dos problemas relacionados com a vida universitária, cada vez mais elementos surgirão e cada vez melhor será a sua estrutura.

#### IV - UNIVERSIDADE-PILOTO - REPERCUSSOES POSSÍVEIS NAS OUTRAS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS.

MORA RAMOS - Toda a Escola vale, acima de tudo, o que valer a sua realidade discente



-docente. Tenho visto excelentes programas pessimamente cumpridos e outros, desactualizados de décadas, vividos na experiência didáctica como se fossem de hoje. Mas se juntarmos à qualidade humana daquela realidade a força de uma organização que, não só valoriza a acção educativa, como impeça a contra-educação - no dizer de Osterrieth - de forma que todas as influências, situações, atitudes ou medidas que tenham por consequência impedir ou retardar o equilíbrio da personalidade, a rapidez da decisão, as reacções adequadas ao insucesso, a confiança perante a solução dos problemas mais difíceis; o diálogo e a colaboração com os outros, a cultura do espírito, a capacidade de iniciativa e de decisão, sejam puramente impossíveis, então, sim, tal universidade-piloto não terá apenas repercussões nas diversas Universidades Portuguesas mas nas de todo o Mundo!

RUI GONZALEZ - Considero absolutamente necessário tentar-se novas experiências, visto que uma Universidade deve ser uma instituição fundamentalmente dinâmica. No nosso caso concreto temos condições locais para se fazer uma série de experiências, tentar e verificar os resultados, adaptando-os às necessidades inerentes de uma Universidade.

Quanto às repercussões, talvez não seja mau lembrar que ainda há bem pouco tempo, em Coimbra, os estudantes organizaram uma greve de três dias como manifestação contra a decisão de não ser criado um conselho consultivo paritário exactamente como se pretende criar na Universidade de Lourenço Marques.

CIPRIANO JUSTO - Já agora queria pôr à tua consideração o seguinte problema: se as ex



periências a levar a cabo na Universidade de Lourenço Marques forem honestas, elas terão que ter como base as realidades culturais e económicas de Moçambique. Ora, nós sabemos que estas duas realidades apresentam profundas diferenças na Metrópole e em Moçambique.

Pergunta-se: não haverá um choque entre o molde que aqui foi experimentado e a realidade metropolitana?

RUI GONZALEZ - Um erro crasso cometido pela Universidade actual é ser uma cópia da sua congénere metropolitana. E outro erro crasso seria fazer lá a cópia exacta do que aqui se fizer. Aquilo que se pretende é ganhar conhecimentos sobre experiências feitas e não copiar o que quer que seja.

ANTUNES CABRITA - Universidade-piloto é uma expressão que traduz a necessidade de utilizar um adjectivo para a distinguir de um outro tipo de Universidade. Isto é: a Universidade actual deve ser diferente das anteriores. Não direi nem melhor nem pior; digo diferente. As instituições, realmente, são instrumentos que o homem criou e das quais se serve para atingir determinados objectivos. As instituições devem ser um meio e não um fim em si próprias. É claro que as universidades que surgiram no século XIII, surgiram por necessidades sociais, políticas e económicas e que justificaram o seu aparecimento nessa época.

Ora, as circunstâncias modificaram-se e as condições económicas, sociais e políticas modernas justificam um tipo de Universidade diferente das do século XIII.

É preciso, realmente, e então aqui sim, que se faça um debate extraordinário, um longo debate sobre os objectivos de uma Universidade actual, e então depois de esclarecidos esses objectivos poderemos dizer que temos uma Universidade nova.

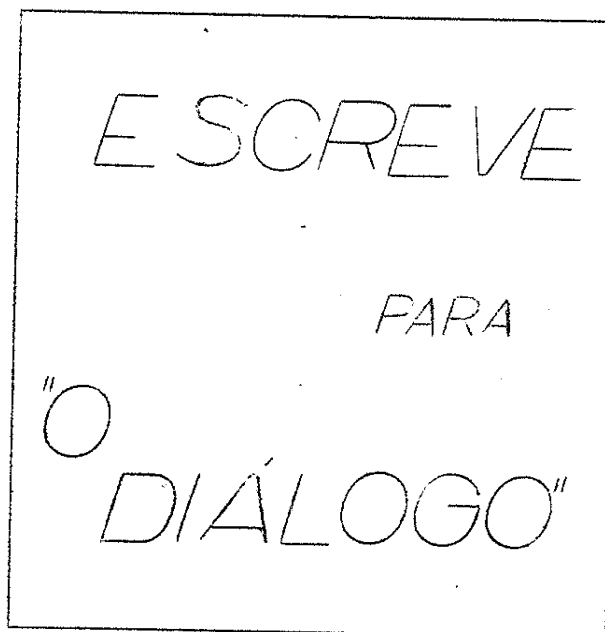
É claro que os problemas das Universidades são diferentes consoante o meio social, económico e político em que se inserem, e penso que os problemas da Universidade de Lourenço Marques serão sempre diferentes dos problemas das Universidades metropolitanas, como serão das universidades de todo o mundo.

JOAQUIM BARRADAS - Acho que as repercussões vão ser enormes, não só no que respeita à vida universitária metropolitana como também no que se refere à própria vida nacional.

O Dr. Mora Ramos referiu-se, não só nesta última resposta como também em respostas anteriores, ao papel decisivo, que a Universidade exerce no meio, ao papel que lhe cabe no desenvolvimento de novas formas de vida e à sua obrigação de criar elementos produtivos dentro da sociedade, elementos válidos com um papel diferente do que têm tido até aqui.

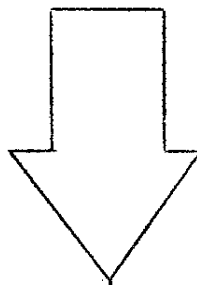
O Dr. Antunes Cabrita referiu-se também às Universidades do século XIII que de facto tinham uma finalidade diferente da Universidade actual. Creio que actualmente a Universidade é uma instituição na qual um país praticamente se define. É nela que se debatem técnicos do país, é nela que a cultura dos elementos do país se manifesta, é dela que saem os elementos mais válidos do país, enfim, é na Universidade que culminam todos os problemas de um país. Nessa medida ela determina, até certo ponto, novas formas de vida e novos tipos de relação humana, novas formas de produção e novas formas, inclusivamente de aplicação do capital. A Universidade é um instituto de investigação da própria sociedade que serve. Quando pensava neste problema cheguei à conclusão que a Universidade deve ser um Instituto de Investigação para Novas Formas de Vida; julgo que este conceito engloba todo o papel que a Universidade tem. Creio que não estamos muito longe do tempo em que as estruturas da sociedade hão-de ser dirigidas pela Universidade e não por Governos, tais como hoje são definidos.

Indice



# SEMANA UNIVERSITÁRIA

4 a 12 de Abril



## PROGRAMA

- DIA 4 - 15 H - Mini-Puzzle
- DIA 6 - 17H 30M - Exibição do filme "RÓCCO E SEUS IRMÃOS" no Cinema Dicca.
- DIA 7 - 21H - Baile para entrega de prémios do Mini-Puzzle na sede da A.A.M.
- DIA 8 - 20H 30M - Exibição da peça "NINGUEM JOGA MAIS?" pelo TEUM, no Teatro Nacional.
- DIA 9 - 13H - Churrasco na Faculdade de Medicina Veterinária.  
Noite Cultural no Teatro Nacional.
- DIA 10 - 20H 30M - Noite Desportiva no Estádio do Malhangalene.
- DIA 11 - 21H 30M - Baile de Gala no Hotel Polana.
- DIA 12 - 15H - Garrafeira na Praça de Touros da Monumental de Lourenço Marques.

Índice

# A PROPÓSITO DE UMA NOTÍCIA

Publicou o jornal "Noticias" uma crónica sobre a Semana Universitária subordinada ao seguinte título: "Realiza-se a Semana Universitária com variados festejos mas uma só noite cultural".

Não será dificilmente que concluiremos que a notícia é tendenciosa por razões que não descobrimos) mas, mais do que tudo, é imprecisa e contradiz-se com uma impressionante flagrância.

Começando (pelo cabeçalho) por referir a existência de "uma só noite cultural", acaba o apontamento em causa por salientar, no programa da Semana Universitária, a reposição da peça do TEUM "Ninguém joga mais?", uma "tarde cinematográfica" com um filme a que atribui acentuado relevo e ainda a "noite cultural" propriamente dita.

Perguntamos: não constituirão uma peça de teatro e uma sessão de cinema manifestações culturais, por excelência? Ou nega-se esse seu (indiscutível) carácter por uma mera razão de rótulo?

Por outro lado, e mais adiante, pode ler-se "a série de bailes e organizações semelhantes é iniciada...".

Trata-se de mais uma imprecisão pois no próprio artigo se constata a realização de apenas dois bailes - sendo um mero pretexto de entrega de prémios do Mini-Puzzle.

Se nos insurgirmos contra estes factos é porque temos lutado, sempre sem desmover, e em primeiro lugar, pela valorização e formação cultural dos estudantes que representamos. Claro que não será uma noticia como a que referimos o causador do nosso desfalecimento. Simplesmente, há algo contra que teremos de lutar com energia: a deficiente informação da opinião pública.

E também não queremos responsabilizar toda uma organização pelo lamentável facto sucedido. Simplesmente exigimos (e porque não possuímos os mesmos meios de disseminação noticiosa) uma rectificação do acontecido.

Em nome da verdade e por respeito para com o nosso trabalho.

Índice

## Última hora

### NOVAS DEPENDÊNCIAS DA A.A.M.

A A.A.M. conta desde o princípio deste mês, com mais uma moradia situada na Rua Princesa Patrícia em frente ao Instituto de Anatomia Humana. Este edifício será ocupado pela Secção de Textos da A.A.M. (Medicina) e por outras secções, provavelmente desportivas. Pensa-se ainda, criar uma sala de estudo com uma pequena biblioteca.

Esta nova aquisição trará como consequência um novo incremento às actividades da A.A.M., pois vai não só descongestionar a sede, como também beneficiar os estudantes de Medicina que desta forma terão acesso a instalações da sua Associação num local próximo da Faculdade. O esforço económico da A.A.M. no sentido de poder dispôr de novas instalações justifica-se perfeitamente pois a população escolar da Faculdade de Medicina é já suficientemente elevada (perto de 340 alunos) para que tenha cabimento esta iniciativa.

# o diálogo

PRIMEIRA ASSEMBLEIA MAGNA DA ULM

## DECRETADO O LUTO ACADÉMICO

Pela primeira vez, os estudantes da ULM declararam a uma só voz que jamais permitirão que impunemente, sejam lesados os interesses da Universidade e que nunca aceitarão dirigismos de qualquer espécie.

Sabemos o que queremos, sabemos para onde vamos.

As promessas já não nos convencem pois temos a certeza que não resolvem problema algum e apenas protelam a busca das verdadeiras soluções.

Confiantes, julgávamos ter entrado numa era de diálogo franco e leal e foi com tristeza que verificámos que a nossa confiança foi traída.

Noutras ocasiões, a Universidade aceitou com resignação um destino imposto por outrem sem atender à vontade daqueles que a compõem, daqueles que são a sua única razão de ser.

Desta vez porém, uma grande parte, suficientemente representativa e consciencializada, cansou-se de promessas vãs, de palavras ocas para jornalista ouvir enfim, toda uma série de processos que servem tudo menos a causa universitária. E porque se cansou, reagiu procurando fazer valer os seus direitos numa Assembleia Magna.

Dela resultou uma Moção de Censura ao MEN, e a declaração do Luto Académico que simboliza todo um processo consciente de protesto.

A Assembleia, convocada pela Direcção-Geral, realizou-se no passado dia 8, com a

presença de cerca de cinco centenas de estudantes e alguns assistentes, perfeitamente cónscios da gravidade do momento e da traição de quem foram alvo os seus ideais de uma Universidade Nova, Autónoma e Democrática. Todos os presentes estavam perfeitamente cientes dos motivos que os levaram ali.

A mesa proposta pelos organizadores da Assembleia foi aceite, tendo sido também aprovado o texto que regulamentava o funcionamento da mesma.

Explicados os motivos que levaram a fazer a convocatória, o Presidente da Associação Académica, Luis Alfaro Cardoso, apresentou uma proposta que requeria o envio de uma Moção de Censura ao MEN pelo não cumprimento por parte deste da promessa feita à comunidade estudantil de a ouvir antes de nomear o novo Reitor. Esta proposta foi aprovada por uma maioria esmagadora: 91% dos presentes.

Seguidamente, um dos colegas presentes propôs que a Assembleia decretasse o Luto Académico em toda a Universidade e com a duração de uma semana.

Depois de um esclarecedor debate, a proposta foi aprovada por 92% do total dos presentes.

Assim se deliberou, dentro da melhor ordem académica, dentro de um clima de união perante o agravo de que toda a Universidade foi vítima.

Assim responderam os Universitários presentes àqueles que através de panfletos e telefonemas anónimos ao serviço de interesses extra-Universitários, visavam a provocação que dera origem a toda uma série de medidas repressivas por demais conhecidas.

É preciso que nós, estudantes da ULM, continuemos unidos como nesta Assembleia Magna, prontos a fazer valer os nossos legítimos direitos sempre que alguém os queira sonegar.

É preciso que nos mantenhamos unidos, sem mêdo, na defesa dos ideais por que pugnamos, alheios a qualquer manobra de intimidação e provocação.

É preciso que nós mostremos sempre integros e coerentes com nós mesmos, actuando de acordo com o sentimento que nos leva a estar de luto.

Não será demais afirmar que soubemos deitar por terra todas as afirmações tendenciosas que se têm feito a nosso respeito. A Universidade está unida numa luta comum e já deu provas da sua unidade.

AVANTE, CONSCIENTEMENTE, POR UMA UNIVERSIDADE VERDADEIRAMENTE NOVA, AUTÓNOMA E DEMOCRÁTICA.

UNE-TE AOS TEUS COLEGAS

COMPARECE À PRÓXIMA

ASSEMBLEIA MAGNA

# DIRIGENTE ACADÉMICO AMEAÇADO DE PRISÃO

Antes de se iniciar o espectáculo da noite de anteontem, "NINGUEM JOGA MAIS?", um dirigente da Associação Académica de Moçambique foi ameaçado de prisão por um agente da Direcção Geral de Segurança (DGS).

A insólita intimação verificou-se em virtude de o referido dirigente pretender esclarecer o público, que se encontrava para assistir ao espectáculo, sobre a atitude assumida pelo MEN em relação à U.L.M. e a respectiva reacção estudantil.

Procurando evitar consequências desagradáveis, o dirigente académico, numa atitude de lúcida verticalidade, absteve-se de fazer a comunicação, conseguindo desta forma manter a serenidade do movimento.

Contudo, os estudantes presentes não quiseram deixar de mostrar a sua indignação perante a atitude repressiva da polícia que com grande aparato (agentes à paisana e carros celulares) denunciaram a sua presença. Desta forma, depois de terminado o espectáculo, os estudantes presentes dirigiram-se ao palco onde, juntamente com os colegas do TEUM, fizeram a saudação académica, um forte F-R-A por uma UNIVERSIDADE NOVA, LIVRE e DEMOCRÁTICA.

A repressão começou. O número elevado de agentes presentes é uma prova insofismável deste facto; a intimidação com os carros celulares confirma as intenções violentas da D.G.S.

A prontidão da resposta dos estudantes deu, contudo, uma prova inabalável da razão que nos assiste e da vontade de fazer valer os nossos direitos, os mais primários.

As provocações directas de alguns agentes da polícia, no intervalo, não tiveram eco.

Estas manobras de provocação já não enganam os estudantes; eles sabem os fins para que são usadas - a divisão, o enfraquecimento e a intimidação.

Uma vez mais, os estudantes deram provas da forma como decorrem ordeiramente as suas manifestações.

## TEOR DA COMUNICAÇÃO ACTUA REFERIDA

A Academia de Lourenço Marques decretou esta tarde Luto Académico.

Não pretendemos especular em relação ao que foi da vontade dos estudantes. A penas informar todos que na linha de rumo consciente e permanentemente traçada pela

razão de ser da UIM - os estudantes -, em Assembleia Magna esta tarde efectivada, foi decidido cancelar-se a Semana Universitária, com excepção das respectivas manifestações de carácter cultural, em cujo espírito esta noite se encontra integrada.

A Universidade de Lourenço Marques está de luto...

Foi nomeado um sucessor do Professor Veiga Simão, sen que tivesse sido auscultada a comunidade Universitária, facto prometido aos alunos desta Universidade, aos dirigentes do único organismo estudantil de reconhecida representatividade, Associação Académica de Moçambique.

A Universidade-Piloto de que tão insistentemente se fala, acaba de retroceder gigantescamente num momento em que as Universidades Metropolitanas progredem e conquistam posições legítimas, no concernente a comparticipação estudantil na gestão universitária, autonomia da mesma, abertura ao diálogo e reforma universitária.

A Universidade - Piloto foi traída. Está, pois à deriva.

E agora foi dolorosamente que constatámos ter sido negado aos estudantes o espírito de lealdade que sempre presidiu às suas relações com a antiga reitoria.

E assim uma Academia está de luto, decretado democraticamente por todos.

Que nós, o esteio do amanhã nas consciências da tarefa que nos assiste no presente, e toda a população, saibamos corresponder ao cumprimento dum ideal que, sendo nosso e para bem duma universidade nova, acaba por ser um ideal da própria nação.

Indice

## DECISÕES DA ASSEMBLEIA MAGNA

1ª- Enviar uma noção de Censura ao MEN, cujo texto é o seguinte:

Reunidos em Assembleia Magna aberta à Universidade os presentes manifestam por este meio o seu veemente protesto em relação à atitude assumida pelo MEN ao nomear o novo reitor sem consulta prévia da Vontade da comunidade Universitária em flagrante contradição com os princípios de autonomia e diálogo preconizados pelo Prof. Veiga Simão.

2ª- Luto Académico

3ª- Convocação da nova Assembleia Magna para que os estudantes se manifestem sobre como deverá ser uma verdadeira Universidade-Piloto.

ADERE AO

LUTO ACADÉMICO

# O PRIMEIRO DIA DO LUTO ACADÉMICO

## JOGO DE FUTEBOL

Anteontem à noite, poucas horas após a realização da Assembleia Magna e de esta ter decretado o LUTO ACADÉMICO, a equipe de futebol de reservas da A.A.M., entrou em campo com uma braga-deira, significando desta forma o acatamento da resolução da Assembleia Magna. Antes de o encontro se ter iniciado, a turma estudantil perfilou junto à assistência tendo guardado um minuto de silêncio. Esta manifestação de censura foi imediatamente correspondida pelos estudantes que se encontravam nas bancadas.

## O TEUM ADERE AO LUTO

O Teatro dos Estudantes Universitários de Moçambique, organismo circum-escolar autónomo, manifestou a sua inteira adesão ao LUTO ACADÉMICO, guardando um minuto de silêncio, que foi seguido pela assistência, antes de iniciar o espectáculo e actuando em palco com o destintivo negro no peito.

## APOIO

Começou a tomar forma um movimento por parte do corpo docente das diversas Faculdades no sentido de apoiarem as resoluções da Assembleia Magna.

Verifica-se desta forma que a arbitrariedade cometida pelo MEN atingiu, não só o corpo discente, mas também o docente da Universidade de Lourenço Marques.



Indice



# CANCELADA

## A SEMANA

## UNIVERSITÁRIA

Como consequência lógica da declaração do Luto Académico em Assembleia Magna, foi cancelada a Semana Universitária, tendo sido deliberado manter apenas as noites culturais, que, dado o seu carácter formativo não vão de maneira alguma manchar a solenidade de que o Luto obviamente se te-  
rá de revestir.

A medida acarretará pesados prejuízos a AAM dado que não houve, nem haverá possibilidades, em tão curto espaço de tempo, de rescindir os contratos já efectuados para o baile de gala e garraiada.

Mais um sacrifício a juntar a tantos outros e que só irá valorizar sobremaneira o impacto do Luto.

Da mesma forma que não nos sujeitamos a dirigismos políticos reaccionários, também não retrocederemos perante óbices de ordem económica, quando a honra da Universidade está em causa.

A consciência da comunidade estudantil e a verticalidade demonstrada pelo seu NÃO uníssonos de contestação a atitudes desta natureza, vale, tem de valer por certo mais do que as dezenas de milhar de escudos perdidos. Ela é a verdadeira óbreira de uma UNIVERSIDADE NOVA LIVRE E DEMOCRÁTICA!

### ÚLTIMA HORA

-MAIS UMA VITÓRIA FRENTE À REPRESSÃO  
-À VANTE COM O LUTO ACADÉMICO

Apesar de todas as ameaças o programa de Luto Académico tem seguido o caminho traçado pela Assembleia Magna.

### DESPORTO

Nos jogos de hoje de hóquei e futebol, os jogadores das equipas da nossa Associação guardaram um minuto de silêncio, gesto que foi seguido pela assistência.

### NOITE CULTURAL

Índice

Na noite cultural de ontem dia 9, para além do minuto de silêncio guardado por todos, o dirigente anteontem ameaçado de prisão, falou ao público, esclarecendo todos os presentes acerca da crise que a ULM atravessa actualmente.

# LUTO dos nossos colegas

Dando cumprimento às deliberações da Assembleia Magna de 8 do corrente foi transmitido ao chefe da representação de Basquetebol da ULM nos Campeonatos Univrsitários (o colega Artur Lima da D.G. da AAM) o teor da Moção de Censura aprovada, incumbindo-o de a entregar ao MEN.

Podemos também comunicar todos os colegas que, segundo informações prestadas telefonicamente hoje dia 10, pelo nosso colega Artur Lima, os nossos atletas entraram em campo com a faixa de luto e, mantendo-se perfilados, guardaram o minuto de silencio pelo Luto Académico decretado pela sua (nossa) Universidade. Ao mesmo tempo foram distribuídos pela assistencia estudantil presentes comunicados elucidando os motivos pelos quais fora convocada a Assenbleia Magna da ULM. (Em Lisboa, na altura, desconhecia-se ainda em pormenor quais as decisões deliberadas.

O dirigente Artur Lima teve também contactos com dois órgãos da informação metropolitana. Assim, em entrevista à Emissora Nacional sobre a presença dos atletas da ULM aos jogos Universitários referiu-se à actual situação que a nossa Universidade enfrenta. Esta entrevista que deveria ter ido para o ar ontem, dia 9, não foi ainda radiodifundida.

Foi também o colega Artur Lima contactado por um jornal de Coimbra em que extensa entrevista na qual foram focados e elucidados os motivos e factos da actual situação Universitária em Lourenço Marques.

Por ultimo, Artur Lima informou-nos que estivera presente a uma reunião da R.I.A (Reunião Inter Associações) como representante da AAM, e onde teve oportunidade de se referir à nossa Associação, seus principios e acção estudantil na ULM, e de principalmente comunicar os acontecimentos na ULM e esclarecer os colegas das AAEE metropolitanas das motivações que originaram a presente situação na nossa Universidade.

# EM LISBOA

Indice

l

u

t

o

a

c

a

d

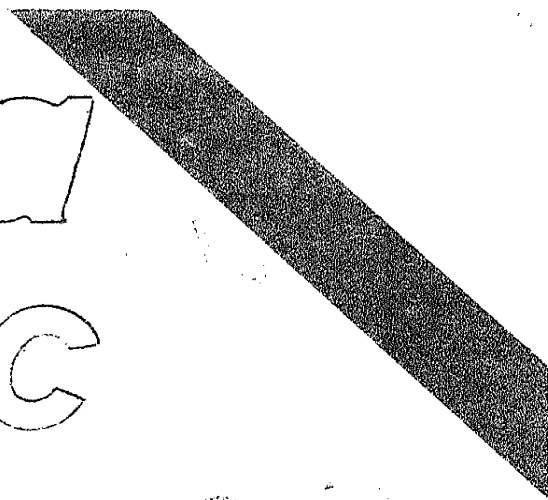
é

m

i

c

o



# o diálogo

## RETROSPECTIVA DA CRISE:

### NA VIA DE UM

# SINDICALISMO ESTUDANTIL

A realização da primeira Assembleia Magna da ULM constituiu um novo marco na vida da A.A.M. e permitiu que se esboçassem os primeiros passos de um verdadeiro Movimento Estudantil em Lourenço Marques.

Se recuarmos um pouco no tempo, verificamos que até agora a actividade estudantil se tem centrado na criação de infra-estruturas, na procura de fórmulas cada vez mais convenientes para elas e numa adaptação constante às variações do panorama académico local. O crescimento que sofre anualmente a população da Universidade e a própria modificação das estruturas escolares vai condicionar este comportamento por parte dos estudantes. Apesar das várias tentativas feitas no sentido de alargar os horizontes de actuação estudantil, ela tem, de uma maneira geral, permanecido sensivelmente a mesma - pelo menos nas suas linhas básicas e dentro dos parâmetros que já de finimos.

A acrescentar a isto, há o facto de os estudantes até há pouco tempo terem aceite o papel paternalista desempenhado pelo antigo Reitor, o que não deixa de ser um factor de importância como determinante de um tipo de acção.

Contudo - aliás este fenómeno já se vislumbrava - durante este ano lectivo, tudo se tornou diferente: os actuais dirigentes académicos são os últimos da primeira geração de universitários de Moçambique. Eles têm acumulada a experiência dos antecessores, até certo ponto herdaram os seus conceitos e, muito importante, têm ao seu alcance os meios técnicos de actuação (propaganda, rádio, apetrechos das secções e experiência dos directores e colaboradores destas nos mais variados domínios que os outros foram conquistando ao longo de um trabalho de anos.

Parece, portanto, terem sido criadas as infra-estruturas a que nos referimos, para que o trabalho associativo tenha maior rendimento, faltando apenas um factor de

capital importância - o elemento humano. É evidente - e disso todos devemos estar conscientes - que não atingiremos os objectivos que nos propomos alcançar sem que tenhamos a adesão da grande massa estudantil. Esta adesão nunca foi maciça até à realização da primeira Assembleia Magna pelas razões que já apontámos: preocupação em organizar estruturas, falta de experiência, falta de colaboradores.

É a altura de perguntar porque surgiu esse apoio da massa estudantil à nossa actuação. Que estímulos houve, no sentido de conseguir que aquelas centenas de colegas nos apóiassem.

Parece-nos que o marco está precisamente aqui. Ao invés dos anos anteriores em que a preocupação dominante foi a de organizar, estruturar etc., os dirigentes académicos lançaram-se abertamente na defesa dos mais elementares direitos dos estudantes. Foi esta atitude reivindicativa sem precedentes na vida da A.A.M. que motivou os estudantes; e é este tipo de actuação carácter reivindicativo que se nos afigura como o melhor caminho a seguir, o único caminho pelo qual se poderão salvaguardar os mais legítimos direitos do estudante.

Até agora têm-nos feito concessões paternalistas ao abrigo de leis injustas que de facto resolvem pequenos problemas imediatos, mas que retardam e mascaram as soluções para os problemas básicos, que subsistem sempre. A actuação do MEN justifica perfeitamente esta afirmação.

Chegámos portanto à altura de exigir essas reformas básicas, de reivindicar constantemente os nossos direitos ainda que não sejamos directamente lesados como aconteceu agora.

Os estudantes deram provas do que querem ao comparecer em massa numa altura em que lutava pelos seus direitos. Foi um verdadeiro beneplácito para este método de acção.

#### LUTO ACADEMICO: NOTAS A MARGEM

Parece incontestável que a Primeira Assembleia Magna foi uma vitória extraordinária para os estudantes, e - honra lhes seja feita - para os promotores de tal reunião, a Direcção Geral da A.A.M.

No entanto, parece-nos oportuno fazer algumas considerações acerca da actuação destes após a Assembleia. Como já afirmámos, esta foi um êxito. Mas depois da sua realização, impunha-se uma atitude mais dinâmica e mais comunicativa em relação aos estudantes que se interessaram pela crise.

Foram escassas as informações acerca da forma como estava a decorrer o Luto e além disso não se aproveitou de forma conveniente a situação para se debaterem problemas e para se reconsiderar acerca do tipo de relações a manter posteriormente com as autoridades académicas. Nesta medida, parece-nos que, elementarmente, se deveria ter feito:

1. Reuniões diárias, abertas a todos os estudantes, com a formação provável de comissões de estudo sobre vários problemas: Relações com a Reitoria; Novas formas de gestão; Autonomia da Universidade; Sindicalismo Estudantil, Democratização do Ensino etc.,
2. Publicação dos trabalhos destas comissões.
3. Informação quase diária acerca da forma como decorria o Luto Académico, com apelos no sentido de chamar estudantes a colaborar naquelas comissões.
4. Informação junto de assistentes e professores.

Se isto tivesse sido feito, a 2ª Assembleia Magna não teria sido cancelada. Note-se que para a realização desta, a DG tinha o apoio declarado do ACAU, que chegou inclusivamente - e exemplarmente - a fazer reuniões preparatórias.

A adesão do TEUM mais fortaleceu a posição da A.A.M.

Estavam criadas as condições para um êxito completo e se não foi, deve-se apenas ao facto de os dirigentes não terem sabido liderar o movimento que criaram.

Acerca de todos os acontecimentos, é conveniente seleccionar aqueles que tiveram verdadeira importância e estabelecer as relações entre eles. É conveniente também conhecer o encadeamento dos fenómenos e estabelecer as leis que regeram esses mesmos acontecimentos.

Índice

Foi decidido na Assembleia Magna que os nossos atletas em Lisboa não iriam a um jantar em que se presumia que estava presente um representante do MEN.

Não sabemos ainda concretamente o que se passou nas parece-nos que é da máxima urgência informar todos os colegas dos motivos pelos quais esta decisão não foi cumprida.

(continua na página seguinte)

Mais uma vez a DG se esqueceu das grandes responsabilidades de que estava revestida: Quando várias centenas de estudantes decidem uma coisa, há que fazê-la cumprir a todo o preço. Se proventura houve algum impedimento, é do mais elementar senso informar todos aqueles a quem se devem justificações.

Desta forma parece-nos que não se está a cumprir cabalmente uma missão que é a de representar todos os estudantes.

J.B.

## *cronologia de uma*

1 de Fevereiro - O MEN em visita de despedida à U.L.M. promete aos dirigentes académicos que o novo Reitor da Universidade não seria nomeado antes de ouvidos os estudantes e toda a comunidade universitária. Esta afirmação sublinhava, de forma que parecia ser indiscutível, toda a actuação - aparentemente democrática e progressista - do Prof. Veiga Simão, enquanto Reitor da U.L.M.

5 de Abril - Um jornal diário da capital publica a seguinte notícia:

### **Presidente do Conselho**

LISBOA, 4. — O Presidente do Conselho trabalhou ontem com o Ministro da Justiça e recebeu o Prof. Dr. Vitor Crespo, novo Reitor da Universidade de Lourenço Marques. O Prof. Marcello Caetano recebeu ainda os componentes da Comissão Executiva da Acção Nacional Popular, drs. Cotta Dias e Caetano de Carvalho, e o eng. João Paulo Castelo Branco, respectivamente Presidente e vogais, acompanhados do Secretário-Geral, dr. Castelhano Al-

## **CRISE**

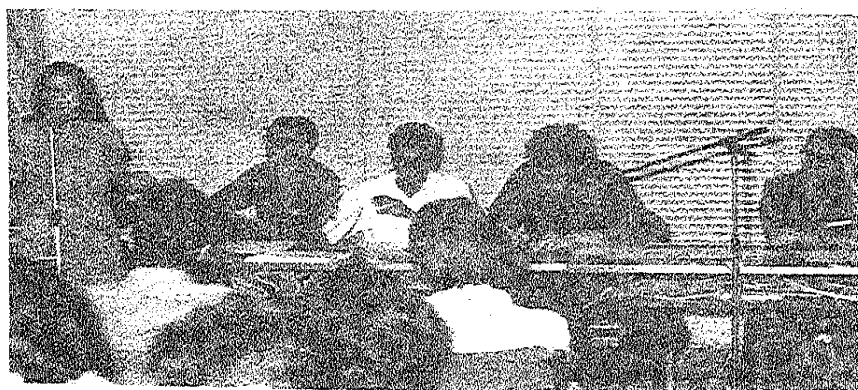
... e foi através desta notícia lacónica que os estudantes, assistentes e professores souberam da insólita atitude do MEN.

4 de Abril - O Presidente da A.A.M. telefona para o MEN. Ao inquirir o Prof. Veiga Simão sobre os motivos por que tomara aquela atitude, este responde: "Enviei a proposta de nomeação ao Ministério do Ultramar por que, ouvidas algumas pessoas (sic) entendemos que devíamos nomear o Prof. Vitor Crespo"

8 de Abril - Convocada pela Direcção Geral da A.A.M., reúne a Primeira Assembleia Magna da U.L.M. que teve a presença de cerca de quinhentos estudantes. A Assembleia, sempre por maioria superior a 90% dos presentes, decide:

1ª. - Enviar uma Moção de Censura ao MEN, cujo texto é o seguinte:  
"Reunidos em Assembleia Magna aberta à Universidade, os presentes

- manifestam por este meio o seu veemente protesto em relação à atitude assumida pelo MEN ao nomear o novo reitor sem consulta prévia da vontade da comunidade Universitária, em flagrante contradição com os princípios de autonomia e diálogo preconizados pelo Prof. Veiga Simão.
- 2º. - Decretar o Luto Académico
- 3º. - Cancelar os festejos da Semana Universitária
- 4º. - Convocar nova Assembleia Magna para que os estudantes se manifestem sobre como deverá ser uma verdadeira Universidade-Piloto.



8 de Abril - (à noite) A equipa de Futebol de reservas da A.A.M. entra em campo com uma brachadeira de luto e guarda um minuto de silêncio antes de iniciado o desafio, no que foi seguida pelos estudantes presentes na bancada.

No Teatro Nacional, antes da exibição da peça "Ninguém Joga Mais?", os actores do Teatro de Estudantes Universitários de Moçambique (TEUM) vêm à boca de cena e guardam um minuto de silêncio significando o luto académico. A assistência que quase enchia a casa de espectáculos, levantou-se em peso, secundando a atitude dos nossos colegas do TEUM. No final do espectáculo, os estudantes presentes - protestando contra a ameaça de prisão feita por um agente da DGS contra um dirigente académico - dirige-se ao palco e vibra um ressonante F-R-A- por uma Universidade Nova, Livre e Democrática.

9 de Abril - Também no Teatro Nacional, na "Noite Cultural" promovida pela A.A.M., se guarda um minuto de silêncio.

Antes de um jogo que iria disputar, a equipa de júniores de hóquei em patins da A.A.M. guarda um minuto de silêncio, levantando todo o estádio que se encontrava repleto.

10 a 15 Abril - Em todas as competições desportivas, as equipas da A.A.M. entraram em campo de luto e guardaram um minuto de silêncio antes de iniciados os

Continua (Cont.na pág. 10)

# MANIFESTO

## ESTUDANTIL

Os estudantes sul-africanos mostraram, mais uma vez, a sua vontade de seguirem um caminho recto e justo; apesar das investidas de que constantemente são alvo.

Antes das eleições recentemente realizadas na África do Sul, eles tornaram público esse desejo através do Manifesto que transcrevemos a seguir.

Trata-se, não de um documento político, mas de um apelo a todos os jovens sul-africanos, no sentido de exercerem um dever cívico com a consciência das responsabilidades de que estão investidos.

Chamamos a atenção de todos os colegas para a isenção e ausência de partidarismo deste Manifesto, cujos princípios todos nós perfilhamos, razão por que o transcrevemos.

### MANIFESTO: NÓS, OS JOVENS

Nós, os jovens da África do Sul, que temos entre 18— 25 anos de idade, somos em número de 450 000. Somos quase um quarto do eleitorado total, e qualquer dos partidos políticos pode ser vencido ou tornar-se vencedor graças aos nossos votos.

Porque somos jovens, o futuro para nós é uma questão fundamental, pois que se os políticos actualmente em cena, a geração mais velha e os nossos pais, não terão de viver na África do Sul nos anos vindouros, nós teremos. Os planos, actualmente feitos para daqui a vinte, trinta ou quarenta anos não envolverão os velhos de agora, mas envolver-nos-ão a nós.

Por esta razão achamos que precisamos de pensar no futuro agora, ao votarmos nestas eleições, e portanto devemos analisar o presente e prescutar para onde os nossos dirigentes nos estão a conduzir:

NO DESPORTO, estamos a ficar cada vez mais isolados do resto do mundo, e muitos sul-africanos como Papwa Sewgolum não podem alinhar nas nossas equipas. E apesar do atleta Paul Nash poder ser designado como o mais veloz homem branco do mundo, não é concerteza o homem mais veloz da África do Sul. Gostaríamos que as nossas equipas desportivas representassem todos os sul-africanos.

NA EDUCAÇÃO vemos os brancos a receberem uma boa e cara instrução, enquanto que os não brancos só têm direito a um ensino pobre. Vemos a injustiça disto e parece evidente também que muita gente de talento é desperdiçada pela África do Sul devido, exclusivamente a um tratamento desigual.



Constatamos que o nosso DESENVOLVIMENTO ECONOMICO está a ser travado pela escassez de mão-de-obra especializada, nas verificamos que a instrução e os empregos são reservados sómente aos brancos e perguntamo-nos se isto é honesto ou até se é no interesse da África do Sul?

Assistimos a tensões desnecessárias de caracter racial causadas pelo APARTHEID, o que faz com que a África do Sul tenha uma das mais altas percentagens de gente na prisão do Mundo Ocidental e perguntamo-nos — Será isto necessário?

Pior que tudo vemos que os sul-africanos não brancos não tomam parte na administração dos negócios do seu país e nem tão pouco lhes é permitido beneficiar plenamente deles. Receamos, que a menos que sejam abolidas as causas das suas frustrações, eles possam como último recurso utilizar a violência na esperança de que só ela possa mudar o curso dos acontecimentos.

Ouvimos o Primeiro Ministro dizer em Stellenbosch aos jovens presentes: "É vossa tarefa, nos anos vindouros, assumir o comando. Vós, hoje aqui, sereis os dirigentes de uma África do Sul que será de futuro um país totalmente diferente do que o é agora". Mas nós achamos que os mais velhos não têm todas as soluções para os nossos problemas.

POR ESTAS RAZÕES, aqueles de nós que assinaram este Manifesto apelam para os outros jovens que podem votar, que ao fazê-lo, considerem os quatro pontos a seguir expostos. Não pedimos apoio para um partido particular, mas para aspectos que nos parecem importantes.

1. Que nós, os jovens brancos, somos privilegiados ao ter o direito de voto que é negado a muitos milhares, e que, conseqüentemente, temos de aceitar a responsabilidade de decidir não só o nosso próprio futuro mas também o de todos os Sul Africanos.

2. Nós precisamos de apercebermo-nos que sofreremos, no futuro, as conseqüências quer dos erros agora cometidos, quer das injustiças actuais.

3. Nós não devemos recear novas ideias nem novas soluções, mas examiná-las e pensá-las com coragem e ousadia.

4. Nós começaremos a exercer a nossa responsabilidade ao decidir se votamos e no caso afirmativo em quem votamos.

ASSINADO

NUSAS President  
NUSAS Vice-President

SRC President:  
Wits. University  
Natal University (Durban)  
Natal University (Pietermaritzburg)  
Cape Town University  
Rhodes University  
Johannesburg College of Education  
Transvaal College of Education

Indice

NUSAS— National Union of South Africans Students— Sindicato Nacional dos Estudantes Sul-Africanos (Orgão Federativo das Associações de Estudantes).

S R C— Students Representative Council — Equivalente, embora com poderes estatutários mais amplos, às Associações de Estudantes de Universidade.

## A MULHER NA UNIVERSIDADE

# PORQUÊ A CULTURA ?

Como demos já a conhecer, está em nosso objectivo tratar de assuntos de carácter cultural e como tal deparamos-nos problemas tais como a análise do nível cultural da estudante universitária, o seu grau de receptividade a determinados temas e problemas, as suas lacunas de conhecimento de questões de magna importância.

Mas o que poderemos entender por um nível cultural da estudante universitária? O que significa a necessidade indispensável de uma cultura? Desde logo o problema pode ser encarado sob dois aspectos: entender-se por cultura um somatório de pseudo-conhecimentos acumulados tumultuosamente na escola e fora dela o que se nos apresenta como errado e grave, ou pelo contrário vê-la como uma capacidade de visualização dos fenómenos que à nossa volta se processam, uma capacidade de raciocínio e crítica sobre diversos problemas mais ou menos desenvolvida.

Para concretizarmos somos levados a fazer algumas perguntas. O que sabe uma universitária de Filosofia ou Economia? O que ela aprendeu na escola terá contribuído para uma formação clara de ideias ou para uma pouco nítida visão dos conceitos e para um desinteresse generalizado de tais matérias, consideradas aborrecidas e sem interesse? A segunda pergunta rece-nos que é por todos nós sentida. O que sabe uma universitária de História?

Apenas um amontoado de factos sucessivos e regidos por forças ocultas que ela desconhece e não sabe explicar ou explica por forças de carácter sobrenatural.

O que sabe ela de arte e do seu significado como produto de qualquer sociedade ou factor progressivo dessa mesma sociedade?

- Só a cultura nos poderá salvar e fazer-nos superar de um ensino deficiente como o nosso em relação a temas de muita importância, assim como de uma pressão informativa imposta a toda a sociedade e orientada para uma finalidade discutível.

- Só a cultura (adquirida extra-instrução) desperta as consciências para o conhecimento de que a instrução, neste caso, a universitária, está reservada às classes de maior poder económico, é pois uma instrução de classe para o facto da qualidade do ensino na sua actividade crítica ser nula, para a falta total de ligações entre o conteúdo do ensino e a realidade que o cerca.

- Só a cultura nos trará a consciência deste estado de coisas e da possibilidade e meios de uma urgente transformação, sob pena de nos tornarmos seres culturalmente estéreis, desenraizados das necessidades do país e viciados num desinteresse por tudo e pelos outros e numa estagnação de sentido crítico.

- Só uma cultura nos poderá trazer um conhecimento real e verdadeiro

dos problemas duma actual sociedade onde milhões de seres humanos ainda se debatem com problemas de fome e miséria; da luta que se processa já por uma reforma da Universidade que nos possibilite na condição de jovem trabalhadora intelectual, uma actividade crítica, reflexiva e criadora, que actue sobre uma realidade nacional e sobre uma modificação de estruturas que possibilite o acesso a ela de todo o Povo Português.

- Só por uma cultura



portanto, poderemos deixar de viver alheios ao mundo que nos cerca, tomarmos consciência dos problemas que o afligem para buscarmos soluções e não virmos a pertencer ao escol dos falsos padrões que o dirigem. Seremos cúmplices se tomarmos uma atitude passiva.

Certamente que não é suficiente uma cultura para uma actuação positiva, mas é indispensável que todas lutem para que nos sejam dados órgãos democráticos e verdadeiros sindicatos onde estejamos representadas e onde nos possamos fazer ouvir.

Ainda poderá surgir esta pergunta: como obter então uma cultura? É suficiente uma procura constante de informação e conhecimento, um aperfeiçoamento progressivo de espírito de análise e crítica? Certamente que não. Uma educação cultural não aliada à prática é deficiente para uma verdadeira formação e futura realização. A jovem universitária tem que se realizar culturalmente num meio representativo seu, neste caso a Associação, pois é já a forma de começar a dar ao seu semelhante o melhor de si, ao mesmo tempo que se vai valorizando pela experiência, pela cooperação com os seus colegas, por um conhecimento positivo do mundo que a cerca, etc. É que só pela cultura no melhor sentido, isto é, pela vivência, ela pode adquirir a noção dos verdadeiros valores e uma melhor compreensão do meio elementos indispensáveis para o progresso humano.

FERNANDA TEIXEIRA

ESCREVE

PARA

"O DIÁLOGO"

Índice

# poesia universitária

## CRÓNICA DE UMA C D A D E

os delitos alimentam a imprensa  
a cidade revoltada proclama  
o encontro fortuito dos amantes  
e o comportamento heróico  
do homem comum na tirania  
quando a justiça é uma palavra  
e a polémica travada desde há anos  
pretende granjear a adesão  
dos ricos com os pobres lá fora

cidade de pesadelo  
gozas dum crescimento rápido  
enquanto agonizas no cerne de ti  
e a autêntica mensagem  
está ainda por vir

íbis de luz  
monstruosa flor  
cresces às escuras  
e as casas molhadas e rotas  
acusam-te do veneno  
sufocam-te e vencem  
está próximo o fim

ANA MARIA BARRADAS

(1<sup>o</sup>. Prémio de Poesia do Concurso  
Literário da A.A.M. de 1969)

Índice

- jogos. Isto aconteceu não só em Lourenço Marques como em Lisboa onde a nossa equipa de basquetebol disputava o Campeonato Nacional Universitário.

11 de Abril - O Prof. Vitor Crespo chega a Lourenço Marques



A nova publicada num jornal da capital omite a notícia (verdadeira) da presença de forte contingente policial no aeroporto, o que não costuma ser acontecimento normal quando chega o Reitor de uma Universidade ... Acerca disto, pronunciou-se a Direcção Geral da A.A.M. num comunicado distribuído mais tarde: "Quer-nos parecer que se esperam atitudes pouco cívicas ou mesmo violentas, mas não sabemos de quem ou a que propósito".

Nem um estudante sequer se encontrava no aeroporto...

13 a 18 Abril - Na Universidade circulam folhetos escritos que se escondem no anonimato, de uma maneira geral assinados por "colegas" que, mesmo que o fossem - pela falta de carácter que revelam - seriam excluídos da comunidade universitária.

Por acharmos significativo, transcrevemos uma parte de um comunicado de um grupo de pretensos colegas:

"... Diz o órgão informativo da A.A.M. que a referida moção de censura, foi aprovada por 91% dos presentes. Mas, perguntamos nós, esses 91% dos presentes, que percentagem são dos 1500 alunos da Universidade? Bem feitas as contas, não vão além de uns míseros 24%. Qual seria a atitude desses 1000 universitários faltosos à Assembleia Magna? Façamos um cálculo: 100 estaria a favor da moção de censura e, por motivos de força maior não puderam comparecer. Teremos assim 469 a aprovar a moção. Dos restantes 900, 500 seriam certamente contra a moção, mas não compareceram, não só por a Assembleia Magna se realizar em recinto fechado, dentro de um ambiente viciado, como também sabendo que havia dentro da sala onde se realizou a dita A.M., muitos alunos, na sua maioria "caloiros", que deram o seu voto, não diremos contra a vontade, mas sim por o seu "vizinho do lado" ter levantado o braço (tendo-se até visto da rua muita gente com os dois braços no ar ...), ou menos, para se tornarem notados e serem estimados pelos "venenosos" ou seja: aqueles que estão a destruir o trabalho feito na ULM pelo actual MEN. Os outros 400, seriam os indiferentes, ou seja, aqueles que se ficariam pela abstenção..."

# A SENHA

suplemento literário de "O DIÁLOGO"

no décimo aniversário da morte de ALBERT CAMUS

## EDITORIAL

Porquê "A SENHA"? Porquê esta designação que até nem soa bem, nem é musical? O dicionário de língua Portuguesa de J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, reza assim, entre outros significados: "palavra que se junta ao nome do santo, na frase que serve para as sentinelas se reconhecerem".

Há urgência numa publicação deste género? As urgências surgem das necessidades. Será então necessário? As necessidades são co-factores da tomada de consciência. Se ela não existe, cataliza-se: não é lícito, sob pena de covaradia, que o homem, seja qual for o seu mister, se subtraia às responsabilidades e realidades do seu tempo. E a partir do momento em que o processo de despojamento de mitos e segredos entre a acção, a receptividade às realidades e responsabilidades está iniciado.

Depois, é o aparecimento da consciencialização, das necessidades e das urgências. O ciclo completa-se então, contudo numa constante dinâmica: o meio.

Se este esquema pode assim ser tratado muito friamente como quem possui num cofre a verdade, o mesmo não acontece com a sua transposição para a realidade. Conhecendo, porém, ou procurando investigar, as linhas de força que enquadram a realidade, será com elas que também deveremos levar em linha de conta o nosso trabalho (tolo é aquele que menospreza o adversário).

A nossa senha está lançada.

## S U M Á R I O

Editorial

No décimo aniversário da morte de Albert Camus

Teatro e Universidade

Na segunda-feira 4 de Janeiro de 1960 na estrada de Sens para Paris, no lugar de Villeblevin, um camponês numa bicicleta motorizada foi ultrapassado por um automóvel que avançava a grande velocidade. Cem metros adiante o homem ouviu um ruído terrível. Viu o carro derrapar, chocar num plátano e ricochetear sobre o seguinte contra o qual parou, cortado em dois.

(Um ruído terrível! Bastou um ruído terrível e eis-lo de volta à alegria da infância! Lembram-se do seu riso? Ria por vezes sem motivo. Como era jovem. Deve rir agora, deve rir com o rosto contra a terra!)

Tinha morrido imediatamente. A seu lado duas mulheres ligeiramente feridas e o condutor, Michel Gallinard, que morreria alguns dias mais tarde.

Albert Camus, escritor, nascido em 7 de Novembro de 1913, em Mandovi, departamento de Constanlina, Argélia.

A Argélia, flor de sangue no flanco da França, conquistada de aventura, povoada ao acaso, provocou a mais trágica situação falsa do nosso tempo.

Em 1963 a Argélia tornou-se independente. Em 1913 se alguém tivesse previsto o acontecimento, tinham-lhe sido na cara. A Argélia era então coluna e aparentemente sem problemas. Meio província, meio colónia, dois povos aí se acotovelavam, o conquistador e o conquistado, situação admitida por todos, ou seja pelo conquistador, o único cuja opinião contava. Além do mais, se a palavra racismo

(Cont. pág. seguinte)

nos aparece já na ponta da caneta, é preciso dar-lhe toda a sua dimensão.

(Porto de Michelet, o salário agrícola médio é de 5 francos, mais a comida, por dez horas de trabalho. Desta soma, porém, é directamente deduzida, e sem prevenir os interessados, a parte dos impostos atrasados. O dinheiro deduzido atinge por vezes a totalidade do salário. - Novecentas mil crianças indígenas encontram-se actualmente sem escolas...)

Meditai nessas damas protectoras que resolvem o conflito social com o alibi da caridade, distribuindo víveres e vestuário aos pobres, a fim de merecer - isto provoca a indignação de Camus - a sua gratidão. Simplesmente, na Argélia, a classe inferior possui uma inferioridade suplementar: a sua pele escura. A sua revolta não poderia pois ser tomada a sério, nem sequer pelos próprios irmãos, os "inferiores europeus, firmes sustentáculos do capitalismo colonial."

Em 1933 o aluno do liceu argelino ainda sonhava com Paris e com a École Normale Supérieure. Por essa altura, descoberto por Jean Grenier, prepara um diploma de estudos superiores sobre Platão e Santo Agostinho. Lê Epicteto, Kierkegaard, Malraux, Gide, Proust, Dostoievsky. Toma dois compromissos rapidamente desfeitos: um casamento precoce rompido em 1934, e a adesão ao Partido Comunista. Dois anos mais tarde o cartão de adremente, é rasgado. Estaline induz os comunistas franceses a modificar a sua política de apoio às reivindicações muçulmanas. Camus recusa. Expulsão.

Casado e divorciado aos vinte anos, recusado pela doença na Universidade, irradiado da igreja política onde julgara encontrar uma família.

(Em Argel, para quem perdeu a juventude, não há nada a que se agarrar, nem um lugar onde a melancolia se possa salvar de si própria).

Em 1935 Pascal Pia veio um dia, propôs-lhe fundar com ele um jornal, Alger République.

Um novo jornal, um "jornal" diferente

dos outros": os tempos parecem, com efeito, prestar-se a isso. A Argélia, como a metrópole, agita-se.

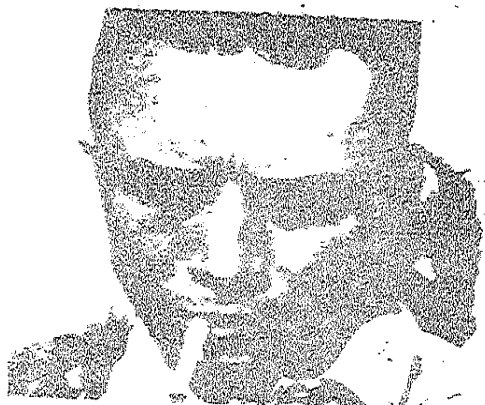
Alger République, com um quarto de século de avanço sobre uma palavra célebre, julgava que esta Argélia estava condenada sem recurso. Cria que não se mantém eternamente um povo sob tutela na sua própria terra, que as imensas riquezas de uns seriam mais cedo ou mais tarde vencidas pela imensa pobreza dos outros, que para trabalhar igual o salário de um árabe deveria ser igual ao de um europeu, que a criança árabe tinha direito à escola e seus pais às leis sociais recentemente promulgadas.

O jornal, rival directo do poderoso Ache d'Alger, futuro órgão dos ultras era pobre e estava ameaçado por todos os lados. Para lhes poupar pesadas despesas, Camus, negligenciando a própria saúde, viajava sem conforto, recusava o hotel. Soli-citando a hospitalidade dos simpatizantes. Os seus artigos destacaram-se violentamente dos da imprensa conformista argelina: o caso Hodent, onde ele morava que um pobre moço de lavoura era inocente do roubo de que o acusava um riquíssimo colono; o caso El-Okby, em que demonstrava a inocência de um muçulmano acusado de assassinato por ordem dos poderes públicos e devido a razões exclusivamente políticas; e o caso do La Martinière, em que se levantou contra as desumanas condições de transporte dos forçados para a Guiana.

(Não se trata aqui de piedade, mas de algo completamente diverso. Não há espectáculo mais abjecto do que o de homens rebaixados à condição de animais).

Cedendo à sua tendência para o teatro, ocupa o seu tempo a organizar uma companhia de amadores. Esta companhia - L'Équipe - inspira-se nos princípios de Coquelin. Poucos cenários: o actor e o texto antes de mais. As apresentações realizam-se ao ar livre ou em pequenas salas de bairro. No programa: A Celestina, de Rojas, o Fanfarrão do Mundo Ocidental, de Synge, o Regresso do Filho Pródigo, de Gide (na qual Camus, para a última evasão do segundo filho para a liberdade e a vida, inventa uma porta "muito alta e estreita"), os Irmãos Karamazov.

(Encontro por vezes pessoas que vivem no meio de fortunas que nem sequer posso imaginar. E-me preciso, no entanto um esforço para compreender que se possa invejar tais fortunas... Aprendi... uma verdade que me levou sempre a receber os signos de conforto ou de acomodamento com ironia, impaciência e, por vezes, com fúria. Não sei possuir: sou avaro dessa liberdade que desaparece desde que começa o excesso de bens... Gosto da casa nua dos Árabes ou dos Espanhóis. O sítio em que prefiro viver e trabalhar (e, coisa mais rara, onde re seria indiferente morrer) é



um quarto de hotel).

Em Setembro de 1939, precisamente no dia 2, Camus tencionava partir com aquela que viria a ser a sua segunda mulher - Françoise Faure - para a Grécia, numa viagem de férias.

No dia 2 de Setembro de 1939 não havia, porém, qualquer partida para a pátria dos Solistas: acabara de rebentar o conflito armado que iria revelar ao mundo, um dos mais horrendos personagens da sua história - Adolf Hitler.

Camus iria pagar pelo seu célebre Inquérito sobre a Gália que denunciava a miséria, a fome e a incultura de uma província inteira (É repugnante afirmar que este povo não tem as mesmas necessidades que nós...). Um belo dia, o governo-geral "tomou a decisão que se impunha": Albert Camus recebeu o "conselho" de abandonar Argel.

A 8 de Maio de 40 está concluído o manuscrito dessa Bíblia do Absurdo que se chama O ESTRANGEIRO. Como principal personagem um pequeno escriturário de Argel-Meursault.

(A noite, Maria veio procurar-me se queria casar com ela. Disse-lhe que me era indiferente e que o poderíamos fazer se ela o quisesse. Ela quis então saber se eu a amava. Respondi-lhe, como já o fizera uma vez, que isso nada significava, mas que sem dúvida não a amava. "Como te casarias então comigo?" disse ela. Expliquei-lhe que isso não tinha qualquer importância... Ela observou que o casamento é uma coisa grave. Respondi: Não.)

Por esta altura escreve ou está em vias de concluir "O Aveso e o Direito", "Núpcias", "Calígula", "O Mal-Entendido" e o "Mito de Sísipo". O ciclo do Absurdo está fechado.

"Sou de opinião de que devemos compreender, sem por isso deixar de lutar contra eles, o erro daqueles que, por excesso de desespero, se precipitaram nos milismos da época".

Em 1942 Camus adere à Resistência, primeiro em Cyon, depois em Paris.

Numa manhã de Agosto Paris acordou com os novos jornais apregoados nas barbas dos últimos ocupantes, apanhados na capital como numa armadilha. Um destes jornais, marcado pela cruz de Lorena Gaullista, atraiu a atenção do público: chamava-se Combate, como o grupo até então clandestino de que era o órgão, e apresentava como sub-título: Da Resistência à Revolução.

Camus editorialista do combate prolongava Camus repórter de Argel. Roger Grenier, companheiro destes anos, mostra-nos Camus "participando em todas as discussões da redacção, revendo os originais, compondo títulos, vigiando a paginação".

(Neste imenso cenário de pedras e águas, em volta deste rio de vagas arrogadas de história, as barricadas da liberdade,

mais uma vez, ergueram-se. Mais uma vez é preciso comprar a justiça com o sangue dos homens), escreveria o anónimo editorialista no primeiro número do combate.

Informar bem em vez de informar depressa, esclarecer o sentido de cada notícia com um comentário apropriado instaurar um jornalismo crítico e não admitir em nada que a política prevaleça sobre a moral, nem que esta última caia no moralismo, tais eram as regras que propunha dos seus colegas e que para começar, impunha ao seu próprio jornal.

Em 1945 Calígula triunfa. A verdade exige que se associe a este triunfo o actor encarregado do papel principal, um jovem actor ainda no início da sua carreira. Gérard Philipe. Em Calígula, louco de lucidez, implorando a lua, partindo o espelho, Gérard Philipe empolgou a sala. Não tinha então muito mais de vinte anos. Entre Camus e ele estabeleceu-se uma amizade inedita.

1947. Aparece A Peste, fábula histórica e profética, a verdadeira obra de arte da resistência. Camus recorre à distância interna que sintetiza o acontecimento e o eleva até à fábula. Tomar certa distância em relação aos factos recentes, projectá-los numa alegoria que fosse o contrário de uma mentira, pois permitiria iluminar a História, deslocar esses anos no tempo e no espaço, torná-los assim reconhecíveis por todas as gerações, eis, sem dúvida, o que se esperava de um escritor mais intuitivo do que os outros.

(Uma vez que a ordem do mundo é regulada pela morte, talvez seja melhor para Deus que não se acredite n'Ele e que se lute com todas as forças contra a morte sem levantar os olhos para o Céu, onde Ele se cala).

Seguem-se o Estado de Sítio peça encomendada por Jean-Louis Barrault e 1949 os JUSTOS.

(Stephen... Aceitei matar para derrubar o despotismo. Mas atrás do que tu dizes vejo avançar um despotismo que, se alguma vez se instalar, farei de mim um assassino quando a verdade é que tento ser um justiceiro).

Que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas se recusa, nem por isso renuncia: é também um homem que diz sim desde o primeiro momento. Mil exemplos mostram-nos que a revolta não nasce apenas de uma opressão sofrida pessoalmente, mas vezes, pelo menos como por essa razão, ela nasce do espectáculo da opressão dos outros. Entre as numerosas polémicas que o Homem revoltado suscitou, a dos Temps Modernes foi a mais cruel para todos aqueles que se tinham acostumado a unir Sartre a Camus na mesma estima afectuosa.

A 17 de Outubro de 1957, ano e meio após o lançamento de A Queda, a Academia suáca confere "ao escritor francês Albert



Camus" o Prémio Nobel da Literatura, pelo conjunto de uma obra que "Traz a lume cer-

tos problemas que os nossos tempos colocam à consciência dos homens".

CARPURA

## TEATRO e UNIVERSIDADE

O problema das relações do teatro com a Universidade é, entre nós, posto de uma maneira simplista, unilateral. A questão não se resume a saber que estilo de teatro deve um grupo universitário fazer, mas implica ainda reflexões mais profundas.

O problema da Universidade virado para o teatro, absolutamente inexistente em Portugal tem sido invertido no sentido do teatro virado para a Universidade, obra de iniciativa exclusiva de jovens estudantes.

Há pois que analisar as relações entre o teatro e as escolas superiores - para não falar nas escolas secundárias e primárias - não apenas sob o ponto de vista do estudante que faz teatro independentemente das matérias das aulas, mas sobretudo ao nível do estudante que se inscreve numa escola cuja matéria lhe agrada, neste caso, o teatro.

Infelizmente em Portugal apenas existe a primeira parte do problema, enquanto que a segunda nem ainda no papel sequer foi considerada.

Ao contrário, em departamentos teatrais de universidades estrangeiras - Inglaterra, E.U.A., Checoslováquia, U.R.S.S. e outros - há muito que se leccionam, além da imprescindível literatura dramática, matérias tais como a luminotécnica, cenografia, caracterização, mímica, dança, ginástica, declamação, confecção cenográfica e de figurinos tudo aquilo que constitui, hoje em dia, o fenómeno teatral. É claro que a criação de um teatro universitário a um plano destes num país onde estes departamentos existem é simplesmente utópica.

A execução técnica de um grupo assim preparado tem, forçosamente de ser superior aos outros grupos que, sem qualquer especialização prévia, vegetam num amadorismo louvável mas insuficiente.

Por exemplo, na VII Delfiada de 1959, os elementos do departamento de teatro da Universidade de Bristol, Inglaterra, foram precisos auxiliares das efficientíssimas equipas de profissionais de que o festival dispunha, desde um simples prego até ao arranjo e sugestão de emergência sobre um figurino ou mesmo montagem de cenários e em tudo mostraram as suas aptidões e conhecimentos globais de teatro.

Além do mais, adquirindo certas noções mais ou menos seguras das diversas técnicas do espectáculo, podem enveredar por uma especialização, que pode ser a de actor, de caracterizador, de cenógrafo, de encenador, de crítico, de dramaturgo ou outra qualquer.

O estudo de literatura dramática que se faz em Portugal em relativa profundidade não é condição suficiente para a promoção de um escol teatral no nosso país. A recente criação de uma cadeira de História do Teatro na Universidade de Coimbra - uma extensão do estudo da literatura, - entregue a professores não especializados, não resolveu de modo nenhum o problema. A verdade é que, fora do inconsequente e ultrapassado Conservatório Nacional, o teatro é uma arte que não se estuda ainda em Portugal. Essa lacuna é insuficientemente preenchida pela iniciativa e insatisfação fértil, tenacidade inabalável e inconformismo progressivo do jovem universitário.

Muito já se dissertou e discutiu sobre a programação de um grupo universitário. Há quem queira que seja feito à base de textos modernos, outros à base de clássicos. Peças clássicas ou modernas, ambas, teatro experimental, textos nacionais ou estrangeiros, que importa? todos os géneros são válidos, o que realmente é importante é que as peças sejam boas.

Toda a encenação teatral é renovada e não simples repetição de formas anteriores. O teatro é pesquisa dum procura de padrões novos de comunicação universal, seja qual for a peça.

O grupo cénico universitário deve ser uma verdadeira escola de teatro, daí a urgente criação de um departamento teatral integrado na escola universitária. Essa escola deve ser sobretudo activa, prática, à base de trabalho de equipa e humildade intelectual, uma escola de humanidades e cultura artística.

Só se pode amar, servir e possuir aquilo que se aprendeu a conhecer e totalmente se compreendeu.

É necessário, pois, amar o teatro, ensiná-lo aos jovens das universidades e liceus, às crianças da escola, apresentá-lo aos jovens dos campos e das fábricas se realmente quisermos um teatro válido, inteligível para o povo, aquele que lhe é devido.

AMÉRICO AMARAL Índice